



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas Licenciatura em História

MIRELA DA SILVA SANTOS

**AS REPRESENTAÇÕES DO REI HERODES I DA JUDEIA:
UM ESTUDO SOBRE FLÁVIO JOSEFO (I EC)**

**01 DE NOVEMBRO DE 2023
CAMPO GRANDE/MS**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas Licenciatura em História

MIRELA DA SILVA SANTOS

**AS REPRESENTAÇÕES DO REI HERODES I DA JUDEIA:
UM ESTUDO SOBRE FLÁVIO JOSEFO (I EC)**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

**01 DE NOVEMBRO DE 2023
CAMPO GRANDE/MS**

BANCA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos –
Orientador (UFMS)

Profa. Dra, Dilza Porto – Membro Titular (UFMS)

Prof. Dr. Luis Filipe Bantim de Assumpção –
Membro Titular (Universidade de Vassouras)



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Senhor Deus, que sempre esteve comigo e foi o meu grande guia em cada obstáculo. Sem Deus, tenho certeza de que nada disso seria possível.

Aos meus pais, Nailton e Maria, que sempre apoiaram os meus estudos e me incentivaram a nunca desistir. Aos demais familiares que estiveram comigo durante essa etapa. Em especial, aos meus queridos irmãos, Nailson e Micaela, e à minha prima Hanelise, que sempre foram pessoas em quem eu sabia que poderia confiar. Aos amigos, que entenderam as ausências e compreenderam este momento importante da minha vida.

A todos os professores da UFMS que, através da prática docente, trouxeram o ensinamento ao longo desses anos que se passaram. Em especial, ao professor Carlos Eduardo da Costa Campos, um profissional admirável que me orientou de forma excelente na escrita deste trabalho.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a representação do rei Herodes I da Judeia na obra "Antiguidades Judaicas" de Flávio Josefo, datada do primeiro século da era comum (I EC). O objetivo deste estudo consistiu em analisar o gênero literário da obra, proporcionando uma contextualização e compreensão do período histórico em que se insere. Além disso, almejou-se examinar a construção discursiva sobre Herodes I e refletir sobre o papel social do autor. Nesse sentido, o TCC se propôs a lançar luz sobre a representação e interpretação de Herodes I da Judeia na literatura de Flávio Josefo, destacando o contexto histórico e social em que a referida obra foi concebida. Ao investigar a construção literária de Herodes I da Judeia a partir da obra de Flavio Josefo, os leitores podem adquirir uma compreensão mais aprofundada dessa figura histórica e da representação que dela é feita em fontes antigas.

Palavras chaves: Representação; Flavio Josefo; literatura; Herodes I.

ABSTRACT

The present TCC has as its theme the representation of King Herod I of Judea in the work "Jewish Antiquities" by Flavius Josephus, dating back to the first century of the common era (1st CE). The objective of this study was to analyze the literary genre of the work, helping to contextualize it and understand its historical period. Furthermore, we sought to analyze the discursive construction about Herod I and reflect on the author's social position. Therefore, the TCC sought to shed light on how Herod I of Judea was portrayed and interpreted in the literature of Flavius Josephus, thus highlighting the historical and social context in which this work was created. By analyzing the literary construction of Herod I of Judea based on the work of Flavius Josephus, readers can gain a deeper understanding of the historical figure and the representation made of him in ancient sources.

Keywords: Representation; Flavius Josephus; literature; Herod I.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1- ENTRE BIOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA: NA ANTIGUIDADE ROMANA	4
2- AS ESCRITAS BIOGRÁFICAS DE FLÁVIO JOSEFO SOBRE HERODES I: REPRESENTAÇÕES	15
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisará as representações do rei Herodes I da Judeia: um estudo sobre Flávio Josefo (I EC). Flávio Josefo foi um autor que escreveu sobre o rei depois da morte do mesmo. A escrita em relação ao rei chama atenção pelas suas perspectivas acerca dos fatos que aconteceram. O rei Herodes I, também conhecido como Herodes, o Grande, nasceu aproximadamente em 73 AEC. Não era judeu, mas edomita, ou seja, da linhagem de Esaú. O fato de não ser considerado judeu trouxe pouca aceitação ao seu governo pelos seus súditos durante o seu reinado. Herodes I era filho de um estrategista militar, e seu pai possuía alianças com o Império Romano. Com sua ambição, Herodes I foi nomeado pelo Imperador como Governador da Judéia por volta do ano 40 AEC, e conquistou Jerusalém no ano 37 AEC.

Foi um governante representado como autoritário e seu reinado como algo temido pelo povo que não nutria sentimentos favoráveis ao rei (Ferreira, 2004, p. 35). A fama impiedosa de Herodes percorria a Judeia pelo que notamos nos textos literários. Ele se casou com cerca de 10 mulheres e teve cerca de 15 filhos. Este rei é conhecido por matar membros de sua própria família e até ordenou a execução de sua segunda esposa chamada Mariana, sob a suspeita de ela ter participado de uma organização de revolta contra ele.

De fato, as representações do rei Herodes, o Grande, não são favoráveis à sua imagem. Ele é conhecido por ter ordenado a matança de todos os meninos da Judeia com menos de 2 anos no século I EC, conforme consta no Evangelho de Mateus. No entanto, durante seu reinado, Herodes reconstruiu o templo de Jerusalém e realizou diversas obras na cidade. A sua carreira política destaca-se por sua brutalidade. Herodes também criou um corpo administrativo de subordinados, a maioria dos quais eram gentios, ou seja, não judeus. Além disso, sua guarda pessoal era formada por mercenários não judeus, pois ele não confiava nos judeus, devido à falta de aceitação da população em relação ao seu governo (Mazo-Rodriguez, 2014, p. 49).

O exército de seu reino tinha influências claramente romanas e helenísticas. De acordo com dados, seu exército era formado por cerca de 40 mil homens, incluindo judeus, romanos, partas e germânicos. Herodes governou a Judeia com muita repressão militar por cerca de 30 anos (Mazo-Rodriguez, 2014, p. 49). Sua figura imponente é a imagem de um governo autoritário.

Flávio Josefo leva em conta uma perspectiva mais imponente e autoritária acerca de Herodes, o Grande, descrevendo até mesmo que Herodes via conspirações por toda parte com o intuito de derrubá-lo. Nesse sentido, a representação de Herodes I na perspectiva do autor apresenta visões sobre a vida e o reinado do monarca.

O nosso objetivo geral é estabelecer um estudo sobre as representações literárias de Herodes I da Judeia por meio da obra Flávio Josefo. Nossos objetivos específicos são: analisar o gênero literário da obra "Antiguidades judaicas" de Flávio Josefo; compreender a construção discursiva em relação a Herodes I presente na obra; refletir sobre o papel social do autor nessas representações.

Dialogamos a temática do TCC com a vertente historiográfica da história cultural, que se concentra nas tradições e interpretações da cultura ao longo da história humana. Peter Burke, em sua obra, oferece uma definição da história cultural e da história em si, citando Robinson, que afirma que "a História inclui qualquer traço ou vestígio das coisas que o homem fez ou pensou, desde o seu surgimento sob a terra" (Burke, 1992, p.17). Portanto, qualquer vestígio humano pode ser estudado no campo historiográfico. A cultura, conforme definida por Burke, consiste em "heranças de artefatos, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores" (Burke, 2005, p. 43). Dessa forma, a História Cultural pode ser considerada o estudo do conjunto de valores, tradições e hábitos humanos em um determinado lugar e período. Ao analisarmos as representações discursivas de Flávio Josefo sobre a figura política e social de Herodes I, observamos como os aspectos culturais também se manifestam em seus escritos. Em suas obras, é possível identificar aspectos próprios dos povos desse período, como o modo como o governo lidava com conspirações, crimes e suas relações com Roma, assim como a perpetuação de algumas práticas dos povos judeus ao longo da história.

Partindo da perspectiva de que muitas pesquisas não se limitam apenas ao seu próprio campo de estudo, este trabalho também segue essa abordagem. A análise bibliográfica da vida de Herodes I está diretamente relacionada ao campo literário, uma vez que a literatura da época será explorada. Afinal, partilhamos das premissas de Carlos Campos (2019, p.52) que "antropologicamente, um agente social ao produzir sua obra literária possui sua capacidade criativa desenvolvida em um horizonte de expectativas que se encontra vinculado às possibilidades de sua época". Não podemos ignorar os argumentos de Adriana Facina (2004, p.10), ao mencionar que: "Toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos".

Logo, este trabalho visa descrever e alisar os discursos e representações de Flávio Josefo, através da análise do conteúdo de Algirdas Greimas e Jules Courtés (1979, p. 382-3). Cada pessoa, dependendo do seu contexto social, pensamento e visão de mundo representará uma pessoa de uma forma diferente. Logo, no âmbito das representações elaboradas sobre um sujeito, um grupo ou um objeto, a interligação entre a biografia e a produção dessas representações é de crucial importância. Estas refletem não somente a interpretação e

explicação das práticas sociais, mas também são intrinsecamente influenciadas pelas experiências pessoais e culturais do indivíduo ou grupo responsável por sua concepção (Greimas; Courtés, 1979, p. 382-3). Dado que essas representações não são neutras e estão correlacionadas com os interesses dos grupos que as formularam, é essencial levar em conta as influências biográficas e contextuais que moldam as perspectivas e abordagens adotadas na construção dessas representações.

Analisando Josefo é possível observar como os seus escritos nos fazem compreender como ele via a sociedade da época de Herodes I, assim como as culturas dessas comunidades: “devemos direcionar o nosso olhar para a escolha temática do historiógrafo por meio de sua composição literária até o seu efeito final” (McDonald, 1975, p. 1-10). Nesse sentido, precisamos analisar o gênero literário das obras e seus efeitos para a sociedade em que o autor viveu e para a sociedade posterior a ela. A fonte desse TCC está ligada ao campo da literatura: *Antiguidades Judaicas* do autor Flávio Josefo. Dessa forma, buscamos comparar as percepções, diferenças e porventura semelhanças no que diz respeito às perspectivas do autor sobre Herodes I.

O capítulo 1, Entre biografia e historiografia: na Antiguidade Romana, discute a importância das biografias e historiografias na Antiguidade Romana e analisa os escritos de Flávio Josefo, um proeminente historiador e biógrafo do período. O texto começa com uma análise sobre a natureza da escrita biográfica na antiguidade, destacando que o conceito de biografia naquela época não era exatamente o mesmo que temos atualmente.

O capítulo 2 foi intitulado "As Escritas Biográficas de Flávio Josefo sobre Herodes I: Representações" apresentando uma análise detalhada das representações biográficas elaboradas por Flávio Josefo sobre a figura histórica de Herodes I. Através de uma abordagem crítica, o capítulo examina como Josefo constrói a imagem de Herodes I em suas obras, destacando não apenas as realizações notáveis, mas também os aspectos controversos e os dilemas éticos associados ao reinado de Herodes I. Ao explorar as nuances das narrativas de Josefo, o capítulo revela a complexidade das representações históricas e ressalta a interseção entre a biografia e a escrita historiográfica. Além disso, o capítulo lança luz sobre as motivações subjacentes que influenciaram as escolhas narrativas de Josefo, evidenciando o papel crucial das percepções pessoais e dos contextos culturais na formação das representações históricas.

1 – ENTRE BIOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA: NA ANTIGUIDADE ROMANA

1.1 Biografia e Historiografia na Antiguidade:

A escrita biográfica e historiográfica na Antiguidade eram incluídas dentro do campo da Literatura Antiga, onde os autores construtores de discursos permearam os saberes ao formularem textos de diversos gêneros. Logo, debater a respeito da biografia e historiografia das variáveis que as tornaram gêneros literários em Roma é de extrema importância quando estudamos esse Antiguidade.

+Uma reflexão acerca do termo "biografia" também deve ser estabelecida. A palavra em si é um conceito moderno, não sendo essa a palavra usada na antiguidade para esse tipo de literatura. A primeira utilização do termo é observada no século V EC, e o termo "autobiografia" apenas no final do século XVIII (Silva, 2008, p. 69).

Em seu texto, Silva (2008, p. 69) relata três termos que podem ser identificados na antiguidade e que tinham um conceito próximo do que hoje consideramos biografia. O primeiro deles é o "*bios*" (ou "de vita sua", em latim), porém há ainda diferenças consideráveis entre tal termo e o que denominamos "biografia". Outros termos mencionados são o "*encomium*" e o termo "*hypomnemata*", que, a grosso modo e apesar de suas diferenças, estariam próximos do que atualmente consideramos "autobiografia".

É interessante ressaltar que os textos helenísticos denominados "*bios*" não sobreviveram por si só como vestígios do passado; a sua existência é notada através de citações indiretas de outros autores no futuro (Silva, 2008, p. 70). A palavra "*bios*" era normalmente utilizada para descrever a vida de um indivíduo, mas também era usada para outras descrições, como, por exemplo, para fazer um relato de um povo inteiro (Silva, 2008, p. 74). Dessa forma, não existia especificamente uma palavra ou termo exclusivo que se referisse à descrição da vida de uma pessoa.

Outra palavra que se aproxima da biografia é o termo "*encomium*", que, segundo o mesmo autor, buscava o elogio e a valorização da personalidade descrita, evitando características pejorativas. Assim, o principal objetivo do "*encomium*" era enaltecer a pessoa descrita e jamais revelar palavras negativas a respeito da mesma. De acordo com Uiran Gebara da Silva:

[...] poderíamos, então, definir a escrita biográfica enquanto gênero caracterizado pela narrativa da vida e descrição do caráter de um indivíduo. E,

como ocorre com praticamente todos os gêneros de discurso correntes no mundo antigo, a biografia, embora possa ser identificada como gênero específico, mantém com outros tipos de discurso relações mútuas e fronteiras que nem sempre se mostram nítidas (Silva, 2008, p.77).

Nesse sentido, embora consideremos a biografia como um gênero independente, apontamos que ela tem relação com outros tipos de gêneros, como, por exemplo, o gênero narrativo e o gênero descritivo. Afinal, uma biografia consiste em relatar fatos da vida, considerando a importância social do indivíduo em questão. Concedemos o nome de biografia quando um autor escreve a respeito da vida de um determinado personagem da vida real ou ficção, descrevendo diversos aspectos da vida e, muitas vezes, a morte do indivíduo.

No entanto, sabemos que uma biografia no campo acadêmico necessita ser uma obra bem averiguada a respeito da pessoa que está sendo biografada, tendo em vista que a veracidade das informações a serem passadas é de extrema importância, considerando que os fatos relatados podem ser utilizados no presente ou no futuro para uma análise da vida do biografado ou até mesmo para revelar informações da atualidade na qual foi escrita.

A veracidade dos episódios que os autores mais importantes da antiguidade descrevem em suas biografias era assumida, por seus compositores, como uma virtude constitutiva de suas obras (Silva, 2008, p. 78). Com base nisso, entendemos que, ao escrever uma biografia, era importante que na antiguidade os escritores mantivessem referências à realidade em seus escritos. Atualmente, como já exposto, essas referências são de extrema importância para a compreensão das sociedades antigas pelo pesquisador da temática em questão.

Ao lermos um texto biográfico, precisamos considerar a singularidade de cada um, tanto do autor que escreve quanto a singularidade da pessoa que está sendo descrita. Contudo, não podemos confundir a noção do indivíduo como criatura singular, com ações singulares, com a concepção de individualidade moderna (Silva, 2008, p. 79). Afinal, a concepção de individualidade, além de se modificar durante os milhares de anos que nos distanciam da Era Antiga, o sentido em que ela é aplicada na prática também é modificado.

Desta forma, possivelmente o historiador do presente poderá estudar uma escrita biográfica do passado visando compreender fatos reais sobre a época em questão; através da biografia, é possível perceber e interpretar situações históricas que hoje são enigmas para o historiador.

A partir da linha de pensamento iniciada no século XIX, com a moderna noção de pesquisa histórica, foram de certa forma reconstruídas linhas de continuidade no que diz respeito à escrita antiga da biografia (Silva, 2008, p. 70). Sendo assim, a escrita biográfica

antiga não parou com seus conceitos nas eras passadas, mas é estudada nos presentes dias através de pesquisadores e estudiosos que se dedicam a essa temática.

Na concepção moderna, toda a escrita biográfica está de algum modo relacionada à história, enquanto que na antiguidade não era necessariamente assim; afinal, eles possuíam uma visão da história diferentemente da que temos. Dessa forma, entendemos que não podemos nos beneficiar de concepções modernas para explicarmos um conceito do passado, mesmo que aproximado ao atual.

Além disso, é importante ressaltarmos a distinção entre a biografia e a história em si. Sabemos que, ao narrarem uma biografia, o autor está escrevendo a história individual do biografado, e que isso, na concepção moderna, poderia ser chamado de história. No entanto, a história traz uma concepção geral dos fatos; é possível ter também uma concepção individualizada e específica no ramo da história; a biografia pode ser considerada parte integrante da história (Silva, 2008, p. 71).

1.2 - A escrita biográfica e Historiográfica em Roma:

Desde o século II AEC, a biografia como um campo de escrita era existente em Roma (Brandão, 2009, p. 17; Campos, 2019, p. 03). Com essa conclusão, é possível observarmos a importância de uma escrita biográfica, considerando a durabilidade do gênero que permanece até os dias atuais.

De acordo com José Luiz Brandão (2009) e Carlos Eduardo da Costa Campos (2019, p. 03), o gênero literário influenciava o modo de escrita dos autores antigos. Segundo os autores, ao decidir pela abordagem de um determinado gênero, o escritor precisava se submeter a diversos fatores que eram exigências do gênero em questão. Ou seja, uma biografia não era apenas uma biografia escrita da maneira pela qual o autor preferia, mas sim, precisava ser escrita de acordo com um conjunto de restrições aplicadas na antiguidade referentes ao gênero.

Como já dito acima, a biografia nem sempre foi considerada um gênero literário em Roma, e até que fosse considerada como tal, houve uma trajetória. Todavia, a partir do século I AEC que a escrita biográfica latina adquiriu novos contornos (Campos, 2019, p. 03). Desta forma, eram escritas biografias acerca dos generais romanos e aristocratas durante a República em Roma. Conforme destacado por Brandão (2009, p. 22), é importante ressaltar que a biografia latina passou a se desenvolver sob uma perspectiva literária, ao mesmo tempo em que assumiu uma função propagandística para os aristocratas, no contexto da disputa pelo acesso ao poder. Um exemplo do que se tornou comum entre os aristocratas romanos foram os "*commentarii*"

(Comentários). Essas práticas de enaltecimento eram escritas pelos magistrados, gerais e, posteriormente, pelos *principes*.

Nesse sentido, observamos o caminho percorrido pela biografia como gênero durante a antiguidade. Em contraste com os dias atuais, é perceptível uma grande mudança na forma como a biografia era e é visualizada. Na Era Contemporânea, encaramos a biografia como um relato sobre a vida de alguém, e quando ela se torna uma grande obra, podemos observar mais detalhes. No entanto, o autor não precisa se submeter a tantos fatores específicos como na antiguidade, exceto pelos fatores comuns. Consideramos que as primeiras obras biográficas de cunho literário são as de Varrão (116-27 AEC) e Cornélio Nepos (100-27 AEC). O conteúdo de seus escritos era sobre pensadores e homens da política, com ênfase nos aspectos particulares dos costumes dos dois povos (Campos, 2019, p.04).

Na Antiguidade, os conteúdos que são considerados biográficos dentro da Literatura referem-se a pessoas consideradas influentes para a época, e não as pessoas que fazem parte do que atualmente chamamos de "massa" ou indivíduos "comuns" sem uma influência política ou social evidente. Este fato pode ser percebido ao longo das eras, incluindo em nossa atualidade. Edward Thompson na obra *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional (1998)*, apresenta uma solução para esse impasse através da "história vista de baixo", onde é abordada a história a partir da perspectiva do proletariado e da "massa", em vez dos grandes nomes.

É de suma importância considerarmos que a biografia escrita na Antiguidade foi uma forma de evidenciar fatos históricos acerca de uma pessoa proeminente e evitar que sua vida e trajetória fossem apagadas ou silenciadas da história. Ao refletirmos a respeito da importância da biografia, concluimos que, sem esse material literário, muito do que sabemos hoje não seria de conhecimento público, considerando que as informações não teriam sido escritas e, assim, transmitidas ao longo dos séculos. A biografia como gênero literário é tão importante quanto qualquer outro gênero, sendo de alta relevância para o pesquisador.

Entre os séculos I AEC e II EC, houve uma grande atividade literária acerca de figuras públicas romanas. A partir do principado de Augusto, destacou-se nas obras dos biógrafos latinos e em biógrafos de matriz cultural helênica o elogio à imagem de políticos importantes, com ênfase na representação dos príncipes da Roma Antiga (Brandão, 2009; Campos, 2019, p. 04). Por conseguinte, a biografia romana obteve uma característica que se tornou comum para a época: a euforização na escrita biográfica (Campos, 2019, p. 05), ou seja, uma escrita que elogia e enaltece a figura que está sendo representada, não aponta em sua intensidade defeitos

ou problemas na vida dessa figura pública, visando destacar as maravilhas de seus feitos e de sua trajetória em vida.

Na Antiguidade, era comum que príncipes e até mesmo imperadores contratassem seus próprios biógrafos, com o propósito de escreverem aspectos positivos sobre sua vida e seu governo, popularizando-os e não deixando que a sua história se apagasse com o decorrer das eras. Para Campos, (2019, p. 04) a biografia no período do principado romano era "um conjunto de relatos sobre personalidades ilustres, as quais permearam a memória social de Roma". Nessa perspectiva, entendemos que a biografia considerava a valorização da memória social romana, visando que os feitos históricos de seus príncipes não caíssem no esquecimento da memória da população.

Outro fator a ser considerado, conciliando com o que já foi exposto acima, é a imortalidade que a escrita biográfica traz. Com os textos desse gênero literário escritos na Roma Antiga, quando os lemos no século XXI e temos conhecimento de parte da realidade desse determinado período da antiguidade, percebemos que a história não teve o seu fim, afinal os fatos foram imortalizados no papel e passados para as próximas gerações, perpetuando as figuras representadas e suas contribuições históricas vivas através da literatura representada. Os biógrafos escolhidos pelos representantes romanos tinham a missão de perpetuar a trajetória do representante político. Muitas vezes, esses biógrafos possuíam uma atuação que ia além da escrita, atuando como conselheiros e até amigos da figura representada.

Em "As máscaras dos cézares", José Luís Brandão (2010) escreve que, por serem estruturadas principalmente através de rubricas, as biografias poderiam gerar uma certa sensação de enfado. No entanto, de acordo com o mesmo texto, a obra "A vida dos Césares" de Caio Suetônio Tranquilo não representa esse fato, afinal as pessoas leem a obra por curiosidade e voluntariamente, e não por obrigação moral ou de conhecimento. No entanto, a obra em si traz certos aspectos que captam a atenção do leitor e que não permitem que a leitura se torne cansativa e maçante.

A obra traz critérios e fatores que trouxeram essa diferença, sendo eles: a sedução do leitor, como por exemplo a sugestão de realismo, os rumores e anedotas, a força do cômico e a intervenção direta do autor no texto. Outro aspecto abordado é o apelo às emoções, como a generalização e a organização em crescendo. Esses fatores, de acordo com o autor, fizeram com que a atenção do leitor fosse voltada para essa obra. A precisão com que a narrativa é construída no detalhamento dos fatos faz o leitor ter uma ideia de realismo. Além disso, quando são contados os boatos que corriam pela cidade de Roma, a atenção do leitor também é captada, assim como o fato de provocar o ato cômico no leitor, o que também é um fator crucial para

manter o interesse. E, por fim, a intervenção direta do autor, que muitas vezes mostra um distanciamento do texto apenas aparente, sendo que na realidade efetua algum tipo de intervenção.

O apelo às emoções é uma estratégia no texto que demonstra que, ao mexer com os sentimentos do leitor, faz com que este estabeleça uma conexão com a obra escrita. Sentimentos como tristeza, raiva, alegria e contentamento podem ser despertados por meio da leitura. Através da generalização e da ideia de progressão, os autores intensificaram os fatos, muitas vezes com a perspectiva de evocar tais sentimentos nos leitores. Essas características podem ser observadas na obra de Caio Suetônio Tranquilo, mas também podem ser encontradas em outras biografias. Concordamos com Brandão (2010) no sentido de que abordar tais características como funcionais possibilita capturar a atenção dos leitores.

Com isso, podemos fazer uma abordagem sobre os principais biógrafos e escritores da Roma Antiga. Heródoto, Tucídides e Nicolau de Damasco podem ser identificados como grandes nomes que marcaram uma época e que ainda são lembrados no mundo contemporâneo quando falamos sobre narrativas e biografias. Nicolau de Damasco, ao ser biógrafo particular do rei Herodes I, e acompanhar os acontecimentos de perto, possui uma escrita caracterizada pela euforização da figura do rei enaltecendo seus feitos. O apelo às emoções é uma estratégia no texto que demonstra que, ao mexer com os sentimentos do leitor, faz com que este estabeleça uma conexão com a obra escrita. Sentimentos como tristeza, raiva, alegria e contentamento podem ser despertados por meio da leitura. Através da generalização e da ideia de progressão, os autores intensificaram os fatos, muitas vezes com a perspectiva de evocar tais sentimentos nos leitores. Essas características podem ser observadas na obra de Caio Suetônio Tranquilo, mas também podem ser encontradas em outras biografias. Concordamos com Brandão (2010) no sentido de que abordar tais características como funcionais possibilita capturar a atenção dos leitores.

Outro fator importante é a utilização de recursos adicionais pelos biógrafos, como referências literárias, textuais, arqueológicas, epigráficas, entre outras. Isso proporcionava ao escritor uma base sólida para suas narrativas biográficas. Além disso, é interessante notar que a produção biográfica em Roma tinha um efeito pedagógico, ensinando os cidadãos aos modelos de comportamentos esperados na sociedade, especialmente em relação aos príncipes e aos que ocupavam cargos na administração imperial e na magistratura local.

A obra "A vida dos doze Césares" de Caio Suetônio Tranquilo, escrita no século II EC, é uma biografia dos imperadores romanos que se concentra em descrever informações referentes ao âmbito público e privado dos personagens. O autor reforça as temáticas

encontradas na obra, como a matriz familiar, local e o nascimento dos biografados, suas infâncias, o início de suas vidas públicas, aspectos relevantes de seus governos, jogos políticos realizados, relações familiares e questões de suas vidas privadas, além do contexto de suas mortes.

Importante notar que Suetônio não aborda a mesma forma de escrita biográfica em todos os seus escritos, o que nos leva a entender que diferentes autores, escrevendo em épocas distintas, podem ter diferentes padrões de escrita, critérios e metodologias. Em contrapartida, Campos ressalta que os biógrafos utilizavam Augusto como um exemplo, buscando criar nele um modelo de comportamento que deveria ser igualado pelos sucessores do imperador:

Com isso, à medida que Suetônio argumenta sobre as características do governo augustano e a sua personalidade virtuosa, com uma evidente euforização, esse escrito promove uma nítida emulação a partir da qual os *principes* contemporâneos e posteriores deveriam se igualar (Campos, 2019, p. 07-08).

Com isso, observamos que, embora a escrita biográfica em si não seja empregada da mesma forma em todos os escritos do autor, nas biografias, era buscado um modelo para aplicar às figuras dos imperadores, visando uma narrativa de euforização. Desta forma, visualizamos essas características de importantes biografias e fica evidente que há especificidades romanas aplicadas ao trabalho biográfico. Como já foi abordado, ressaltamos que a biografia romana vai muito além de escrever a vida e morte de um personagem, mas sim, compreende as especificidades e complexidades da sociedade romana que são evidenciadas nos textos.

Assim, as obras de relevância com contexto biográfico da antiguidade reforçam essa concepção e, através de algumas estratégias e métodos abordados, capturam a atenção do leitor de sua época e do presente, prendendo o interesse em aspectos culturais, sociais e políticos da sociedade que está sendo representada.

Quando refletimos sobre a escrita da história na Antiguidade, é crucial considerar a amplitude inerente a esse período. Se analisarmos a perspectiva da historiografia americana e francesa, estamos lidando com cerca de 800 anos de produções históricas, começando com Heródoto no meio do século V AEC. e alcançando as *Res Gestae* de Amiano Marcelino, que foi composta no final do século IV EC. Uma temporalidade extensa e complexa que não pode ser negligenciada ou simplificada (Campos, 2019, p. 51-81).

Nos séculos V e IV AEC, tivemos Heródoto, Tucídides e Xenofonte - considerados pelos antigos como os três maiores historiadores. No entanto, no período helenístico, da morte de Alexandre, o Grande, até a batalha de Ácio (323-31 AEC), a historiografia indica a presença

de 600 historiadores, a maioria de origem grega. No entanto, apenas três historiadores - Políbio, Diodoro e Dionísio de Halicarnasso - sobreviveram com relevância, embora suas obras não tenham sido totalmente preservadas. Segundo John Marincola, o cenário romano não foi menos surpreendente. A historiografia em Roma teve que aguardar sete séculos desde a lendária fundação da cidade para que uma literatura historiográfica digna desse nome surgisse. A influência grega desempenhou um papel crucial no nascimento do gênero literário romano, como em outros lugares (Marincola, 2007, p. 1-10).

Outro ponto central é que a História na Antiguidade, tanto na Grécia quanto em Roma, não era uma ciência, como a entendemos a partir do século XIX. Era um gênero literário com seu próprio estilo e rigor de escrita, embora diferisse da modernidade em forma e conteúdo. Embora os historiógrafos da época fizessem uso de fontes para suas produções, eles não eram cientistas, mas sim escritores, sob nossa ótica (Campos, 2019, p. 51-81).

Dos historiadores romanos que escreveram a partir de meados do século I AEC, muitos desapareceram. Apenas três grandes historiadores da República e do Principado de Roma chegaram até nós: Salústio, Tito Lívio e Tácito. Portanto, todas as nossas avaliações dos historiadores antigos são baseadas em uma porção menor do que havia na época. Assim, aceitar essas representações como verdades, quando se fala de História, seja de um objeto ou de uma sociedade, é um tanto ingênuo. Até o momento, o que temos são fragmentos do passado, interpretados pelo historiador contemporâneo. O estudo da Historiografia Antiga é significativo não apenas pelo seu conteúdo, mas também por fornecer um modelo duradouro, tanto em termos de forma quanto de assunto, para o gênero e estilo literário ocidental (Marincola, 2007, p. 1-10).

Essa reavaliação da História, em geral, influenciou a abordagem adotada por estudiosos do Mundo Antigo, cujas investigações agora tendem a desviar o foco das questões tradicionais baseadas na confiabilidade das fontes e se concentrar na análise dos objetos literários como produtos da arte dos indivíduos, que possuem sua própria estrutura, temas e preocupações. Essa nova geração de estudos procura descobrir o funcionamento retórico subjacente ao texto, especialmente a maneira como o significado e a explicação foram construídos linguisticamente.

É importante reconhecer que seria simplista assumir que a escrita da história na Antiguidade é tão diferente da escrita de qualquer outra narrativa, factual ou fictícia. Os antigos claramente consideravam a história como um campo com seus próprios temas, assuntos e métodos, e os debates tangíveis nas páginas dos historiadores sobre a precisão de seus antecessores e sobre a forma como os eventos ocorreram demonstram que eles tinham a percepção de que sua tarefa não era apenas apresentar uma narrativa plausível; eles devem ter

acreditado que havia uma realidade subjacente e preexistente que estavam tentando reconstituir. Portanto, a caracterização da Historiografia Antiga é uma questão que transcende a simples rotulação de virtudes ou vícios ligados a indivíduos específicos pelo narrador. Caracterizar um personagem também pode ser uma questão de estilo, inflexão ou estrutura. De acordo com Campos (2019, p. 51-81), devemos realizar uma análise combinada da historiografia romana, direcionando nosso olhar para a escolha temática do historiador por meio de sua composição literária até o efeito final, o estilo adotado na produção desse tema.

A relação entre a biografia e a escrita historiográfica de Flávio Josefo é fundamental para compreender a influência pessoal e cultural que moldou suas obras. Como um autor judeu-romano do primeiro século, a vida de Josefo foi marcada por sua experiência como um líder militar judeu que eventualmente se rendeu às forças romanas durante a Revolta Judaica. Sua escrita reflete uma busca por reconciliação entre as tradições judaicas e a cultura romana, evidenciada na complexa interação entre a narrativa histórica e suas próprias experiências vividas. A maneira como Josefo retratou personagens e eventos históricos, como a interpretação das conquistas romanas como punições divinas na história judaica, revela a complexidade de sua identidade cultural e política, bem como sua tentativa de garantir a preservação da história e da cultura judaica dentro do contexto do domínio romano.

Especialmente em sua obra "Antiguidades Judaicas", sua peça mais substancial, dividida em vinte volumes que consumiram aproximadamente uma década de esforço, essa intrincada interação entre os paradigmas clássicos e os valores judaicos é vividamente evidente. Sua estada em Roma, onde desfrutou dos privilégios concedidos pela corte Flávia, aprofundou sua compreensão dos fundamentos e características da literatura clássica.

1.3. Flávio Josefo: contexto histórico e social

Nascido por volta de 37 EC, Flávio Josefo foi um importante historiador e biógrafo da Antiguidade. Nasceu em Jerusalém, embora tenha se tornado posteriormente cidadão romano. Seu pai era Matias, um sacerdote judeu. Valter Bueno da Silva Júnior (2013, p. 01) define Flávio Josefo como "um general rebelde da Judeia e cidadão romano protegido pela dinastia Flaviana". Suas principais obras são: "Antiguidades Judaicas", "A Guerra dos Judeus", "Contra Apião" e a "Autobiografia". Em suas obras, Josefo narra eventos importantes da história de Roma e da Judeia, apresentando biografias e também contribuindo para a escrita autobiográfica.

Para da Silva Júnior (2013, p. 01), "o poder de sua escrita se relaciona ao narrar períodos importantes para os judeus [...] e também ao narrar eventos importantes sob o ponto de vista

romano". Ou seja, em sua escrita é possível encontrar perspectivas tanto judaicas quanto romanas. A cidadania romana de Josefo está vinculada à proteção dos imperadores romanos, e sua perspectiva pessoal gira em torno dos hebreus, enquanto sua vida "política" gira em torno dos romanos (Da Silva Junior, 2013, p. 02).

Embora Josefo tivesse um notável interesse e consideração pelas comunidades judaicas, o autor oscilava frequentemente entre os dois lados, o que gerava receios tanto entre judeus quanto romanos em relação à sua imagem. Josefo fazia parte da elite judaica da época, assim como Nicolau de Damasco também ocupava uma posição influente e importante na sociedade romana, o que os aproximava em suas respectivas escritas.

As duas obras mais famosas de Flávio Josefo são "A Guerra dos Judeus" e "Antiguidades Judaicas", que retratam sua perspectiva pessoal sobre a história judaica, sendo fontes históricas importantes para o estudo da sociedade judaica da época. Josefo tinha uma posição de relevância social devido à sua descendência, o que lhe permitia ter participação política entre judeus e romanos, embora os judeus não se agradassem de seu posicionamento a favor dos romanos na guerra judaica. Em um determinado momento de sua vida, Josefo escolheu seguir a linha dos fariseus entre os judeus, um grupo de autoridade religiosa importante e influente na sociedade judaica.

Como testemunha ocular dos eventos ao longo da Revolta Judaica (66-70 EC), Flávio Josefo escreveu sobre eles, o que gerou desconforto na população judaica devido à sua vinculação tanto com judeus quanto com romanos. Em suas obras, é possível observar a vinculação entre romanos e judeus, já que ele descreve os eventos a partir das perspectivas de ambas as partes.

Sua autobiografia relata que Josefo tentou em vão dissuadir os líderes a iniciar a revolta dos judeus. Ele chegou a ser governante militar de uma província judaica e lutou ao lado dos judeus na guerra, mas posteriormente obteve a proteção de Roma, tornando-se cidadão romano. Sua vida foi marcada por ambiguidades devido a sua relação tanto com os judeus quanto com os romanos, sendo visto por alguns como um traidor, apesar de considerar-se um judeu leal à lei.

A primeira versão da sua obra Guerras Judaicas foi escrita em aramaico, esse fator reforça a habilidade de Flávio Josefo com as linguagens e é uma referência a sua boa educação. Também, é interessante o fato de o próprio autor Flávio Josefo demonstrar e evidenciar como positivo o fato de ser conhecedor do judaísmo e testemunha ocular da guerra (Degan, 2016, p.35). Nesse sentido, Josefo busca frisar que seus escritos são válidos e confiáveis com base na educação recebida pelo biógrafo e também com sua experiência de vida.

Degan (2016, p. 35), escreve e referencia o fato de que Flávio Josefo teria sua sobrevivência na guerra dos judeus devida aos romanos, como já citado anteriormente, e o autor ainda escreve que por conseguinte, a visão de escrita de Josefo sobre o judaísmo por exemplo, estava orientada a esses compromissos. Convergimos com Alex Degan nesse sentido, embora tenha escrito relatos anos após a morte de Herodes, Josefo ainda mantém uma escrita favorável em relação ao Império Romano.

É interessante o fato de que, embora o Império Romano tenha sido autor de muitas tragédias para com os povos judaicos sendo o próprio Herodes I considerado um governador autoritário, o biógrafo descreve esses fatos demonstrando o autoritarismo de Herodes e alguns pontos abusivos do Império Romano em relação aos judeus, porém não deixa de denotar os aspectos positivos do Império bem como de seus governantes.

Alex Degan em *As lágrimas e o historiador: uma leitura de Guerra Judaica (2010)*, traz em seu livro um breve resumo sobre os livros de Flávio Josefo, escrevendo uma breve descrição resumida sobre cada um dos VII livros, mas dois passam um enfoque principal. O livro I relata diversos temas, contribuindo com considerações sobre o ofício do historiador, rivalidades dos judeus palestinos e termina com uma breve descrição do reinado de Herodes. O livro II fala sobre as causas imediatas da guerra dos judeus e sobre a má administração dos herdeiros de Herodes. Nesse sentido, observamos que a descrição sobre o reinado de Herodes e dos seus herdeiros estão principalmente concentrados nos livros I e II do respectivo autor.

Ademais, o próprio autor Alex Degan (2016, p. 36), escreve que não podemos procurar uma visão igual da religião judaica nos livros de Josefo, tendo em vista que cada um de seus livros foram escritos com uma finalidade, com um objetivo. Nesse sentido, reforçamos que o autor escreve com um objetivo para um público específico.

Flávio Josefo tem seu nascimento estimado em 37 EC e a morte em 100 EC, tendo nesse sentido falecido com 63 anos de idade, com uma vida repleta de ambiguidades. É nítida a tradição judaica em sua vida e a sua consideração pelos costumes judeus e influência dessa mesma tradição e costumes na sua vida, porém também é bastante presente a influência romana sobre o autor, influenciando sua escrita e constatações acerca dos próprios judeus.

2 - AS ESCRITAS BIOGRÁFICAS DE FLÁVIO JOSEFO SOBRE HERODES I: REPRESENTAÇÕES

2.1. Flávio Josefo e as representações sobre a trajetória de Herodes I

As representações de Flávio Josefo a respeito de Herodes I, denotam a perspectiva de um biógrafo que muito viu e ouviu acerca das atitudes do rei em relação ao seu povo. Quando pensamos em representações, consideramos que muitos fatores são considerados como o autor que fez a análise, o lugar social, a pessoa representada, a relação do biógrafo com o biografado. Embora sejam fatores que se alteram, entendemos a importância das representações no sentido de que por exemplo, sem a análise que é exposta, não seria possível identificarmos as dificuldades de um determinado povo em relação ao seu governante em uma determinada época. Em seus escritos, Flávio Josefo em muitos trechos se limita apenas a escrever sobre os acontecimentos, descrevendo uma sequência de fatos sem se prender necessariamente a algum julgamento seja ele de moral ou de valor político sobre as ações de Herodes, o grande. Contudo, em alguns outros trechos, principalmente aqueles que se referem a atitudes mais tirânicas ou violentas, Flávio Josefo traz uma perspectiva negativa, com julgamentos morais e percepções claramente divergentes as atitudes tomadas pelo rei.

Nesse sentido, observamos as representações de Herodes I da perspectiva de Flávio Josefo que, embora tivesse recebido muitos benefícios em relação ao Império Romano, estabelece na figura de Herodes um rei ambicioso, capaz de muito para manter o poder em suas mãos. Nos trechos abaixo, podem ser notados acontecimentos envolvendo a figura de Herodes, e em alguns deles, identificamos as concepções pessoais do próprio autor em relação aos eventos que ocorreram na trajetória do rei no poder.

Conhecer a família de um personagem histórico por meio de um fragmento literário é essencial para uma compreensão mais profunda das representações sobre a sua vida e personalidade. Essa abordagem literária permite-nos desvendar como a época representava essas complexidades das relações familiares de Herodes e como viam essas enquanto agentes modeladores desses indivíduos. Portanto, recorreremos ao fragmento a seguir para materializar tal apontamento:

“Depois de fazer o que quis na Judéia, Crasso marchou contra os partos, mas foi derrotado por eles, com todo o seu exército, como dissemos alhures. Cássio retirou-se para a Síria, de onde resistia aos partos, que, orgulhosos com

a vitória, lá faziam incursões. Depois veio a Tiro e passou à Judéia, onde tomou Tariquéia, levando escravos cerca de trinta mil homens. Pitolau, que havia abraçado o partido de Aristóbulo, estava entre os prisioneiros. Cássio os matou, a conselho de Antipatro, que, além de ter grande prestígio perante ele e na Iduméia, desposara uma mulher das mais ilustres famílias da Arábia, de nome Ciprom, da qual teve quatro filhos — Fazael, Herodes, que depois foi rei, José e Feroras — e uma filha, de nome Salomé. Antipatro conquistou a amizade de vários príncipes pela maneira respeitosa como os tratava e particularmente a do rei dos árabes, ao qual ele confiou os seus filhos quando fazia guerra a Aristóbulo. Cássio, depois de reunir mais forças, marchou para o Eufrates a fim de combater os partos, como o dizem outros historiadores.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 12, 585)

Ao explorar as dinâmicas familiares, através de Flávio Josefo, podemos entender melhor como o autor analisa Herodes e até mesmo as suas decisões cruciais ao longo da história. Além disso, ao revelar as histórias e experiências dos familiares, a literatura nos ajuda a humanizar esses personagens históricos, mostrando que por trás de suas realizações, havia indivíduos com vínculos, afetos e desafios familiares que muitas vezes são universalmente reconhecíveis. Nesse trecho está sendo mostrada a família de Herodes I. Sendo seu pai Antipatro, um Idumeu que como o trecho já relata conquistou a amizade de vários príncipes. Também é relatado o nome de seus irmãos sendo: Fazael, José e Feroras.

Retomando sobre a questão das decisões, podemos ver a descrição de Josefo sobre os primeiros feitos de Herodes, ao argumentar que:

“A incapacidade e a indolência de Hircano deram a Antípatro motivo para lançar as bases da grandeza em que a sua família mais tarde se viu elevada. Ele constituiu Fazael, seu filho mais velho, governador de Jerusalém e de toda a província. Herodes, o segundo filho, foi feito governador da Galiléia. Este, embora não tivesse ainda quinze anos, era tão inteligente e corajoso que bem depressa mostrou uma virtude superior à idade. De uma feita, prendeu Ezequias, chefe de uns ladrões que assaltavam todo o país e mandou matá-lo, havendo-o condenado à morte com todos os seus companheiros. Esse ato tão útil à província suscitou-lhe tanto afeto entre os sírios que estes proclamavam em todas as cidades e nos campos que lhes eram devedores da tranqüilidade e da posse pacífica de seus bens.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 17, 594)

Nesse trecho, é relatado um dos primeiros feitos marcantes de Herodes como governador da Galiléia. Ao prender e matar Ezequias um ladrão, ficou popular entre os sírios.

O trecho a seguir revela um dilema intrigante e repleto de intrigas que permeia a história de Herodes:

“Mas os grandes dos judeus, vendo-o elevado — com os seus filhos — a tão grande autoridade, tão amado pelo povo e tão rico com o que recebia das rendas da Judéia e das gratificações de Hircano, deixaram-se dominar por uma extrema inveja, que aumentou quando souberam que ele havia conquistado também o afeto dos imperadores. Diziam que ele persuadira Hircano a enviar-lhes uma grande soma de dinheiro e, em lugar de apresentá-la em nome do rei, oferecera-a em seu próprio nome. Disseram o mesmo de Hircano, mas ele riu-se disso. O que os aborrecia acima de tudo era que Herodes lhes parecia tão violento e ousado que não duvidavam de que ele aspirava a um governo tirânico.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 17, 594)

Sua ascensão ao poder e a estreita relação com Hircano, combinadas com a inveja e as acusações de seus contemporâneos, lançam luz sobre a complexa dinâmica política e social da Judeia naquela época. Ao adentrarmos nos bastidores de uma sociedade marcada por rivalidades e ambições, as medidas de Herodes são vistas com desconfiança e temores de uma possível tirania. Esta narrativa não apenas nos permite compreender mais profundamente a visão de Josefo sobre a personalidade de Herodes, mas também fornece uma noção sobre o contexto político que o cercava.

Neste trecho intrigante das "Antiquidades Judaicas" de Flávio Josefo, somos transportados para um momento crucial na corte de Hircano, onde a intriga e a insatisfação se entrelaçam com as preocupações sobre a preservação do Estado e do próprio rei. A seguir vemos:

“Resolveram então procurar Hircano para acusar abertamente Antípatro e lhe falaram deste modo: "Até quando Vossa Majestade permitirá o que acontece debaixo dos vossos olhos? Não vedes que Antípatro e seus filhos desfrutam todas as honras da soberania e deixam-vos somente o nome de rei? Não vos importa então saber disso? Não vos importa dar a tudo um remédio? Julgais em segurança descuidando-vos da salvação do Estado e de vossa própria vida? Esses indivíduos não agem mais por vossa ordem nem como vossos dependentes. Seria bajular a si mesmo acreditar neles, mas eles agem abertamente como soberanos. Quer Vossa Majestade prova melhor do que ver que, embora as nossas leis proibam mandar matar um homem, por mais perverso que seja, antes de ele ser condenado juridicamente, Herodes não teve receio de violar essas leis, mandando matar Ezequias e seus companheiros sem mesmo vos pedir licença para isso?" (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 17, 594)

As palavras dos conselheiros que se aproximam de Hircano revelam um cenário de tensão política, onde Antípatro e seus filhos são acusados de usurpar o poder e agir como soberanos de fato. A acusação de violação das leis por Herodes acrescenta uma dimensão adicional à trama, destacando a desafiadora atmosfera política da época. Este episódio oferece uma

fascinante janela para as complexidades do poder e da lealdade na Judeia antiga e promete uma narrativa repleta de intrigas e reviravoltas. Se torna perceptível o receio e a resistência dos judeus quanto a figura de Herodes e o fato de ter matado homens sem uma condenação jurídica. Nesse sentido, ao observarmos a resistência dos judeus, consideramos que desde cedo, o reinado de Herodes não era bem percebido pela população Judaica.

No próximo trecho, observamos as mães daqueles homens que foram mortos, sem um julgamento por decisão de Herodes indo até Hircano, o sumo sacerdote dos judeus, pedindo que Herodes se justificasse acerca desse ato. Porém, Herodes era um homem de grande influência perante Sexto César, o governador e perante o próprio sumo-sacerdote. Desse modo, as circunstâncias estavam a favor do rei:

“Essas palavras persuadiram Hircano. As mães daqueles que Herodes condenara à morte aumentaram ainda a sua cólera, pois não se passava um dia sem que elas fossem ao Templo rogar a ele e a todo o povo que obrigasse Herodes a se justificar perante os judeus por uma ação tão criminosa. Assim, ele intimou-o a comparecer perante o tribunal. Logo que Herodes recebeu a notificação, pôs em ordem as coisas da Galiléia e partiu para Jerusalém. Mas, em vez de levar uma comitiva particular, se fez acompanhar, a conselho de seu pai, por tantas pessoas quantas julgou necessárias, para não despertar suspeitas a Hircano e estar ao mesmo tempo em condições de se defender, caso o atacassem. Sexto César, governador da Síria, não se contentou em escrever a Hircano em favor de Herodes, mas ordenou que ele fosse absolvido, empregando até mesmo ameaças, para o caso de não ser atendido. Tão forte recomendação, porém, não era necessária, pois Hircano amava Herodes como se fosse seu filho. Quando ele compareceu diante dos juizes com os que o acompanhavam, os seus acusadores ficaram tão atônitos que nem um sequer ousou abrir a boca e sustentar o que haviam dito contra ele na sua ausência”. (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 17, 595)

O trecho intrigante das "Antiquidades Judaicas" representa as possíveis acusações e intrigas políticas que culminaram em um julgamento perante Hircano e os juizes. As mães dos condenados à morte por Herodes acrescentam uma dimensão emocional à narrativa, assim trazendo a sua cólera e apelo ao Templo, enquanto buscam justiça. Herodes, consciente da seriedade da situação, parte para Jerusalém com uma comitiva significativa, prontamente recomendada por Sexto César, o governador da Síria. Essa recomendação reflete não apenas o apoio a Herodes, mas também a complexidade das alianças políticas da época. À medida que Herodes se apresenta perante os juizes, a tensão é palpável, e as acusações anteriores parecem se dissipar diante da sua defesa. Este episódio oferece um vislumbre dos conflitos, tensões e alianças políticas no cenário da Judéia Antiga, enquanto Herodes enfrenta um julgamento que pode determinar o seu destino.

No próximo excerto é exposto a indignação de Saméias diante da situação. Herodes é retratado como um homem sem demonstrar humildade alguma, pois juntamente com uma comitiva deixa claro que não seria aceito qualquer decisão contra ele pacificamente:

“Saméias, então, que era homem de grande virtude e não tinha receio de se expressar com toda a liberdade, levantou-se e falou, dirigindo-se a Hircano e aos juizes: "Majestade e vós, senhores, que aqui estais reunidos para julgar este acusado: quem já viu um homem obrigado a se justificar apresentar-se desta maneira? Creio que se teria dificuldade em citar exemplo semelhante. Todos os que até aqui compareceram a esta assembléia vieram com humildade e temor, vestidos de preto e com os cabelos em desalinho, em atitude de mover à compaixão. Este, ao contrário, acusado de haver cometido vários assassinios, quer evitar o castigo e comparece diante de nós vestido de púrpura, com os cabelos bem penteados e acompanhado por uma tropa de homens armados, a fim de que, se o condenarmos, segundo as leis, ele zombe delas e estrangule a todos nós também. Não o censuro, porém, de agir assim, pois se trata de salvar a própria vida, que lhe é mais cara que a observância de nossas leis, mas censuro a todos vós por tolerá-lo, e particularmente ao rei". E, voltando-se para os juizes, acrescentou: "Mas vós sabeis, senhores, que Deus não é menos justo que poderoso, e assim, Ele permitirá que este mesmo Herodes, que quereis absolver para agradar a Hircano, nosso rei, vos castigue por isso um dia e castigará também a ele". (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 17, 595)

Este trecho de Flávio Josefo retrata uma cena de julgamento altamente dramática, na qual o personagem Saméias, corajosamente, faz uma acusação direta e incisiva contra Herodes e aqueles que o apoiam. Saméias começa questionando a maneira como Herodes se apresenta perante o tribunal, destacando a discrepância entre sua aparência imponente e a humildade geralmente associada aos acusados. Ele acusa Herodes de tentar evitar a justiça e de ameaçar os juizes com seu séquito armado. Saméias também critica Hircano e os juizes por permitirem essa conduta, sugerindo que estão colocando os interesses pessoais acima das leis divinas. Sua fala termina com uma advertência sobre a justiça de Deus, insinuando que, mesmo que Herodes seja absolvido pelos homens, ele ainda enfrentará consequências divinas por suas ações. Este discurso não apenas destaca a intensidade do momento no julgamento de Herodes, mas também lança luz sobre as tensões políticas e morais da época, revelando a complexa interação entre o poder secular e a justiça divina no contexto da Judeia antiga.

No próximo trecho, é perceptível o favorecimento dado a Herodes no julgamento. Na escrita de Flávio Josefo, vemos um Herodes que não poupava vidas que o ameaçavam, sempre buscando a sua própria proteção:

“Essas palavras foram uma profecia, que mais tarde se verificou: Herodes, tendo sido constituído rei, mandou matar todos aqueles juizes, exceto Saméias, a quem sempre tratou com grande honra, tanto por sua virtude quanto porque, quando junto com Sósio sitiou Jerusalém, ele exortou o povo a recebê-lo, dizendo que faltas passadas não deveriam impedir que se submetessem a Herodes, como diremos mais particularmente a seu tempo. Mas, voltando ao nosso assunto, Hircano, vendo que o sentimento dos juizes tendia a condenar Herodes, adiou o julgamento para o dia seguinte e mandou dizer-lhe secretamente que escapasse. Assim, com o pretexto de temer Hircano, ele retirou-se para Damasco e, quando se viu em segurança junto de Sexto César, declarou em voz alta que, se o citassem uma segunda vez, estava resolvido a não comparecer.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 17, 596)

Este trecho das "Antiquidades Judaicas" de Flávio Josefo descreve o desenrolar do julgamento de Herodes e as consequências que se seguiram. Primeiramente, a profecia de Saméias sobre a vingança divina contra Herodes e os juizes que o absolveram se cumpre, uma vez que, após se tornar rei, Herodes de fato ordena a execução de todos os juizes, com exceção de Saméias. Essa ação revela a crueldade e a falta de escrúpulos de Herodes em lidar com seus oponentes e, ao mesmo tempo, destaca a virtude e a coragem de Saméias, que é honrado por Herodes. Além disso, o trecho ilustra a influência política de Hircano, que adia o julgamento quando percebe a tendência dos juizes de condenar Herodes e o alerta secretamente para fugir. Isso mostra como as alianças e as relações pessoais desempenharam um papel crucial nas dinâmicas de poder na Judeia antiga. Finalmente, Herodes, ao se refugiar em Damasco e se aliar com Sexto César, demonstra sua habilidade em navegar nas complexas águas políticas da época, deixando claro que não hesitará em tomar medidas drásticas para garantir sua própria sobrevivência. Esse trecho oferece uma visão fascinante das estratégias e traições que permeavam a política da Judeia naquela época.

Flávio Josefo retrata mais uma vez a grande fúria de Herodes, objetivando reforçar a imagem do seu grande poder e o papel dos laços familiares. Assim vemos que:

“Os juizes, irritados com essa declaração, esforçaram-se por demonstrar a Hircano que o propósito de Herodes era destruí-lo, o rei não podia mais ignorá-lo. Mas ele era tão covarde e estúpido que não sabia que deliberação tomar. Enquanto isso, Herodes obteve de Sexto César, por meio de uma soma de dinheiro, a nomeação para governador da Baixa Síria, e então Hircano começou a temer que Herodes tomasse as armas contra ele. Seu temor não foi em vão. Herodes, para vingar-se por o haverem citado em juízo, pôs-se em campo com um exército, a fim de tomar Jerusalém. E nada o impediria, não fossem os rogos de Antípatro, seu pai, e de Fazael, seu irmão. Eles foram procurá-lo e lhe fizeram ver que já era suficiente fazer tremer os inimigos; que ele não devia tratar como inimigos os que não o haviam ofendido; que não poderia, sem ingratidão, tomar as armas contra Hircano, a quem devia a sua

elevação e a sua grandeza; que não se devia lembrar de ter sido chamado a juízo, e sim de não ter sido condenado; que a prudência o obrigava a considerar que os eventos da guerra são duvidosos, pois somente Deus tinha a vitória nas mãos, para dá-la como lhe aprouvesse; e que ele não tinha motivos para esperar obtê-la combatendo contra o seu rei e benfeitor, que jamais lhe fizera mal algum, pois só fora levado àquele ato pelos maus conselhos que recebera. Herodes, persuadido por essas razões, contentou-se em haver mostrado a toda a nação até onde chegava o seu poder e adiou a execução de seus grandes desígnios e o gozo do efeito de suas esperanças.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 17, 596)

Aqui, vemos que Herodes, apesar de sua ambição e desejo de vingança por ter sido citado em juízo, inicialmente opta por não tomar Jerusalém por causa dos apelos de seu pai, Antípatro, e de seu irmão, Fazael. Esses apelos destacam a importância da lealdade familiar e da gratidão em meio às intrigas políticas da época. Herodes é persuadido a adiar seus planos de vingança e a reconhecer a contribuição de Hircano para sua própria ascensão ao poder. Essa relutância inicial de Herodes em usar a força contra seu benfeitor ressalta a complexidade do personagem, que é capaz de ceder a conselhos sensatos e de ponderar sobre as implicações de seus atos. No entanto, o trecho também sugere que Herodes ainda está determinado a mostrar seu poder e influência, embora temporariamente tenha adiado suas ambições. Isso nos oferece uma visão rica da política e das alianças na Judeia antiga e das complexas motivações dos protagonistas envolvidos nesse jogo de poder.

“Cássio e Marcos, após terem reunido um exército, deram o comando a Herodes, bem como o de seus navios, e o fizeram governador da Baixa Síria, prometendo fazê-lo rei depois que terminasse a guerra empreendida contra Antônio e o jovem César (depois cognominado Augusto). Tão grande autoridade, unida a esperanças ainda maiores, aumentou o temor que Malico tinha de Antipatro. Resolveu por isso matá-lo. Para executar o seu projeto, subornou um camareiro de Cicrano, que o envenenou um dia, quando ambos jantavam em casa desse príncipe dos judeus. Então Malico, seguido por soldados, foi à cidade para impedir que essa morte causasse alguma agitação. Herodes e Fazael, filhos de Antípatro, sentiram imenso a perda do pai e, tendo descoberto a maldade daquele camareiro, não tiveram dificuldade em deduzir que fora Malico o autor do crime, mas ele o negou terminantemente” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 19, 600)

Nesse trecho, observamos Herodes se tornando governador da baixa Síria, ainda não tendo se tornado o rei da Judeia. Nos escritos de Flávio Josefo também notamos a forte conspiração envolta da própria família de Herodes, como por exemplo essa conspiração de Malico para matar Antipatro, o pai do mesmo. Mais tarde, vemos a suspeita de conspiração dos próprios

filhos de Herodes em mata-lo, embora não tenha sido de fato comprovada, Herodes acreditou que era verídico e posteriormente ordenou a morte de seus filhos, sempre com o intuito de se poupar.

No próximo trecho, vemos a representação do estratagema de Herodes e Fazael, seu irmão, para se vingarem da morte de seu pai. Assim, Josefo descreve que:

“Esse foi o fim de Antípatro. Ele era um homem de bem e afeiçoadíssimo à sua pátria. Herodes quis partir imediatamente com um exército contra Malico, mas Fazael julgou mais conveniente dissimular, para surpreendê-lo, a fim de que não os pudessem acusar de suscitar uma guerra civil. Assim, Herodes fingiu prestar fé aos protestos que Malico fazia de não ter tido parte em tão negra ação e ocupou-se em enriquecer o túmulo que fizera edificar para o pai. Nesse meio tempo, ele veio a Samaria e a encontrou em grande desordem. Então procurou acomodar as coisas e remediar as dificuldades entre os habitantes.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 19, 600)

O relato destaca a dissimulação de Herodes e de seu irmão Fazael em relação à situação com Malico, demonstrando a astúcia e diplomacia empregadas para evitar uma possível guerra civil. A menção ao enriquecimento do túmulo de seu pai, bem como seu papel na resolução das dificuldades em Samaria, revela uma tentativa de consolidar seu poder por meio de atos públicos e estabilização política, sugerindo uma preocupação estratégica em manter a ordem e a sua reputação. Este trecho apresenta, portanto, uma reflexão sobre as nuances da política da época, revelando as complexidades da tomada de decisões e manutenção do poder por parte de Herodes.

O fragmento a seguir de Josefo representa a dissimulação de Herodes fingindo acreditar no homem que ele sabia que havia planejado a morte de Antípatro. Dessa forma, vemos:

“Pouco tempo depois, próximo da celebração de uma grande festa em Jerusalém, ele para lá se dirigiu com os seus soldados. Malico, espantado por vê-lo chegar em tal companhia, convenceu Hircano a impedi-lo de entrar daquela maneira, dizendo que não era permitido a profanos, como os que estavam com Herodes, assistir às santas cerimônias. Herodes, porém, sem se deter ante tal proibição, entrou de noite na cidade e assim tornou-se ainda mais temível a Malico. O traidor recorreu aos seus embustes ordinários: chorava em público a morte de Antípatro, que dizia ter sido seu amigo íntimo, enquanto reunia soldados em segredo, para garantir a própria segurança. Herodes, vendo-o desconfiado, julgou melhor não dar a conhecer que sabia de sua hipocrisia. Preferiu fingir viver em paz com ele, para tranquilizá-lo. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 19, 600)

Neste trecho de "Antiguidades Judaicas" de Flávio Josefo, há um retrato da astúcia de Herodes ao desafiar a proibição de Hircano e Malico para entrar em Jerusalém com seus soldados, demonstrando sua determinação em impor sua autoridade e aumentar sua influência. A resposta de Malico, através de falsas lamentações e a consolidação de seus próprios recursos militares, revela uma trama política elaborada e dissimulada, evidenciando a instabilidade e desconfiança prevalentes. A estratégia de Herodes de dissimular sua consciência das traições de Malico, preferindo manter uma fachada de harmonia para evitar conflitos imediatos, revela sua habilidade em manejar as complexidades políticas do momento, ao mesmo tempo em que destaca a fragilidade da coesão política na Jerusalém da época.

No trecho a seguir, observamos o apoio do próprio Cássio, governador, em relação a vingança de Herodes, em seu ponto de vista, a vingança era digna:

“Quando Cássio, que sabia ser Malico um homem muito mau, soube por Herodes que ele mandara envenenar o seu pai, pediu-lhe para vingar a sua morte e enviou ordem secretas aos comandantes das tropas romanas que estavam em Tiro, a fim de que o ajudassem num ato tão justo. Cássio depois tomou Laodicéia, e os maiores do país vieram trazer-lhe coroas e dinheiro. Herodes não duvidou de que Malico também viria e julgou ser aquela a ocasião mais propícia para executar o seu desígnio. Malico, estando já perto de Tiro, na Fenícia, começou a desconfiar e imaginou então uma empresa de vulto: levar de Tiro para a judéia o seu filho que lá estava como refém, incitar o povo a se revoltar e usurpar o governo enquanto Cássio estava ocupado na guerra contra Antônio.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 20, 601)

A relação entre Herodes e Cássio revela a disposição do primeiro para aproveitar oportunidades estratégicas, mesmo que isso signifique manipular alianças com líderes romanos para satisfazer suas próprias ambições de vingança. A trama de Malico para incitar uma revolta em Tiro e usurpar o governo durante o conflito de Cássio e Antônio expõe a natureza volátil e oportunista das figuras políticas da época, evidenciando a falta de lealdade e confiança mútua. A narrativa enfatiza a imprevisibilidade e a instabilidade inerentes ao cenário político, evidenciando a importância crucial das alianças estratégicas e das manobras táticas para o sucesso e a sobrevivência dos governantes na região.

“Esse projeto tão ousado ter-se-ia realizado se a sorte lhe tivesse sido favorável. Mas como Herodes, que era extremamente hábil, suspeitava de que Malico tinha em mente algum projeto importante, enviou um dos seus sob o pretexto de preparar uma ceia para vários amigos; na realidade, ele estava indo rogar aos chefes das tropas romanas que comparecessem à presença de Malico levando punhais. Eles partiram imediatamente, alcançaram-no perto da

cidade, ao longo do mar, e o mataram a golpes de punhal. Ao saber disso, o espanto de Hircano foi tão grande que ele perdeu a fala. Depois, mais calmo, mandou perguntar a Herodes o motivo daquela ação e soube que tudo se fizera por ordem de Cássio. Então louvou-o e disse que Malico era um homem muito mau e inimigo de sua pátria. Assim, a morte de Antípatro foi por fim vingada.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 20, 601)

Herodes arquitetou veemente a vingança daquele que havia matado seu pai, e por fim, malico teve uma morte violenta e cruel. A volúveis de Hircano em relação aos acontecimentos também chama atenção, afinal este parece seguir e apoiar as decisões conforme mais lhe parecem vantajosas.

Nos trechos seguintes, vemos a tentativa de desestabilização política de Herodes e Fazael. Logo, Josefo menciona que:

“Depois que Cássio partiu da Síria, surgiram perturbações na Judéia. Félix, que fora deixado em Jerusalém com as tropas romanas, atacou Fazael, e o povo tomou as armas para defendê-lo. Herodes avisou Fábio, governador de Damasco, sobre isso e, quando se preparava para ir socorrê-lo, uma doença o reteve. Fazael, porém, não teve necessidade desse auxílio, pois obrigou Félix a se retirar a uma torre, de onde só lhe permitiu sair por capitulação. Em seguida, fez graves censuras a Hircano, por favorecer os seus inimigos depois de lhe haver prestado tantos serviços. Isso porque o irmão de Malico se havia apoderado de várias praças, dentre outras, Massada, que é um castelo muito forte. Herodes, quando sarou, retomou todas as praças e deixou-o partir, depois de terem feito um acordo”. (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 20, 602)

Observarmos a rivalidade entre Félix e Fazael, juntamente com a intervenção do povo, fato esse que retrata as complexidades da relação entre a liderança romana e a população local. A astúcia de Fazael ao forçar Félix a se render e a consequente censura a Hircano por supostamente favorecer seus inimigos evidencia a volatilidade das alianças políticas e a fragilidade das relações de confiança na região. A recuperação de Herodes e sua retomada das praças fortificadas, seguida de um acordo com Fazael, sublinha a importância das estratégias diplomáticas e do equilíbrio de poder para manter a estabilidade política e territorial. Este trecho revela a dinâmica complexa e muitas vezes traiçoeira do cenário político da época, onde alianças instáveis e competição por influência eram características predominantes.

Outra representação de casos de suborno e corrupção ligados a Herodes foram realizadas por Josefo, no trecho a seguir:

“Cássio foi vencido em Filipos por Antônio e por Augusto. Este último passou para as Cárias, e Antônio veio para a Ásia. Quando chegou a Bitínia, embaixadores de diversas nações foram procurá-lo, e alguns dos mais influentes judeus acusaram Fazael e Herodes, dizendo que Hircano era rei apenas na aparência e que eles é que reinavam de verdade. Herodes veio justificar-se e por uma grande soma de dinheiro conseguiu ganhar Antônio, de tal modo que este, não se contentando em tratá-lo com muita distinção, nem mesmo quis ouvir os seus acusadores. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 22, 604)

Mais uma vez, lemos um fragmento em que Herodes obtém vantagem diante de acusadores através do suborno e influência. Vale ressaltar, que a influência política de Herodes o proporcionou muitas regalias, como por exemplo, posteriormente se tornar o rei da Judeia sem nem ser de fato, judeu. Com isso, entendemos que os favores fornecidos através da influência política não é um acontecimento atual, sendo eventos que ocorriam mesmo na antiguidade, como podemos concluir através da vida de Herodes I.

A representação da figura de Herodes, por Josefo, era tão envolta de mortes e conspirações contra ele, como vemos no excerto:

“Quando Antônio estava para entrar na Síria, Cleópatra, rainha do Egito, veio procurá-lo na Cilícia e deu-lhe amor. Cem dos mais ilustres dos judeus dirigiram-se a ele em Dafne, que é um arrabalde de Antioquia, para acusar Herodes e Fazael e para isso escolheram os mais eloquentes dentre eles. Messala tomou a defesa dos dois irmãos e foi ajudado por Hircano. Antônio, depois de escutar todos eles, perguntou a Hircano qual daqueles diferentes partidos era o mais capaz de governar o país. Ele respondeu que era o de Herodes, e então Antônio, que havia muito tempo nutria um afeto particular por esses dois irmãos (porque Antípatro o recebera muito bem em sua casa quando Gabínio fazia guerra na Judéia), os fez tetrarcas dos judeus e deu-lhes o encargo dos negócios da nação. Escreveu também cartas em seu favor. Mandou meter na prisão alguns dos inimigos deles, e os teria mandado matar se Herodes não tivesse intercedido por eles”. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro)

No fragmento é retratada a complexa interação entre as potências romanas e o povo judeu. O envolvimento de Cleópatra com Antônio destaca as dinâmicas políticas e interpessoais que influenciaram as decisões de governança na região. A acusação contra Herodes e Fazael, seguida pela defesa liderada por Messala e Hircano, evidencia a intensa competição e disputas de poder dentro da comunidade judaica. A escolha de Herodes como tetrarca, em parte devido ao favoritismo de Antípatro e à influência de Hircano, destaca o papel das alianças e relações pessoais na política da época. A intervenção de Antônio em favor de Herodes e Fazael, apesar da oposição, revela a natureza volátil e manipulativa das relações políticas, onde lealdades

mutáveis e interesses pessoais desempenharam um papel significativo na determinação do curso dos eventos. Este trecho ilustra a complexa intersecção entre os interesses pessoais e políticos que moldaram o contexto histórico descrito por Flávio Josefo.

Na próxima passagem, é percebido que mesmo o suborno ou ameaças de Herodes em relação a seus opositores não atenuaram a fúria da população, como descrito por Josefo:

“Esses ingratos, no entanto, em vez de reconhecer tal favor, mal regressaram de sua embaixada organizaram outra, com umas mil pessoas de seu partido, as quais foram a Tiro esperar Antônio. Mas Herodes e seu irmão já o tinham inteiramente a seu favor, por uma grande soma com que lhe haviam obsequiado. Assim, ele ordenou aos magistrados que castigassem esses deputados, pois queriam suscitar novas agitações, e ajudassem Herodes em tudo o que ele desejasse deles para se estabelecer na tetarquia. Herodes mostrou ainda a sua generosidade nessa ocasião, pois fora procurar aqueles deputados enquanto passeavam à beira-mar e exortara-os a se retirar. Hircano, que estava com eles, deu-lhes o mesmo conselho, mostrando a gravidade do perigo em que se poriam, caso se obstinassem naquele empreendimento. Mas eles desprezaram esse aviso. Imediatamente os judeus, junto com os habitantes do lugar, lançaram-se sobre eles, feriram-nos e mataram alguns. Os outros fugiram e depois viveram em paz. Mas o povo não deixou de clamar contra Herodes, e Antônio ficou de tal modo encolerizado que mandou matar todos os que estavam presos”. (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 23, 605)

Flávio Josefo elabora uma representação da instabilidade e a volatilidade do cenário político, destacando a interação complexa entre os interesses individuais e as lealdades partidárias. A traição dos deputados, que inicialmente receberam o apoio de Herodes e seu irmão, mas tentaram se aliar a Antônio para suscitar agitações, ilustra a imprevisibilidade das alianças políticas na região. A generosidade aparente de Herodes ao advertir os deputados para se retirarem, seguida pela ação violenta do povo contra eles, revela as complexidades das relações de poder e a influência dos fatores locais sobre as dinâmicas políticas regionais. A reação furiosa de Antônio, resultando na execução dos deputados, reflete a natureza impiedosa e implacável das consequências para aqueles que desafiavam a ordem estabelecida. Portanto, fica evidente a fragilidade das alianças políticas e a imprevisibilidade das relações de poder na Jerusalém da época, evidenciando os riscos envolvidos na manipulação e traição dentro do contexto político instável.

No próximo excerto, observamos a continuidade da conspiração de Antígono e a desconfiança correta de Fazael acerca das intenções de Antígono:

"Chegando à Galiléia, os governadores das praças vieram com armas encontrá-los, e Barzafarnés, de início, recebeu-os muito bem e deu-lhes

presentes, mas depois ficou pensando em como se desfazer deles. Levou-os a uma casa perto do mar, onde Fazael soube que Antígono tinha prometido a Barzafarnés mil talentos e quinhentas mulheres. Começou então a desconfiar, e também o avisaram de que naquela mesma noite lhe dariam guardas para se apoderar de sua pessoa, o que de fato teria sido feito sem se esperar que os partos que estavam em Jerusalém tivessem se apoderado de Herodes, para que este não escapasse quando soubesse que Hircano e Fazael haviam sido presos.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 24, 607)

Josefo descreve que a recepção inicial amistosa de Barzafarnés aos governadores contrasta com sua intriga para se livrar deles, ilustrando a imprevisibilidade das alianças políticas e a falta de confiança mútua. A revelação da conspiração de Antígono contra Fazael destaca a natureza traiçoeira das negociações políticas e a falta de lealdade entre as partes envolvidas. A ameaça iminente de captura de Fazael ressalta a periculosidade do cenário político, onde as ações eram frequentemente motivadas por interesses próprios e oportunistas. Logo, o texto revela as constantes lutas de poder e as maquinações políticas na Galiléia da época, evidenciando a imprevisibilidade e a instabilidade das relações políticas na região.

Josefo continua a sua narrativa apontando que Fazael, temendo pela sua vida e pela vida de Hircano de seu irmão, se dirigiu até Barzafarnés:

“Pareceu logo que aquele aviso era verdadeiro, pois viram chegar os guardas. Aconselharam então Fazael, particularmente um certo Ofélio, que descobrira o segredo por meio de Saramala, o mais rico de todos os sírios, a montar imediatamente num cavalo para se salvar. Ofereceu-lhe navios para esse fim, porque não estavam longe do mar. Mas Fazael julgou que não devia abandonar Hircano e deixar Herodes, seu irmão, em perigo. Assim tomou a deliberação de ir procurar Barzafarnés e disse-lhe que não podia, sem uma extrema injustiça e sem desonrá-lo, atentar contra a vida de pessoas que o tinham vindo procurar de boa fé e das quais não tinha motivo para se queixar. Se precisava de dinheiro, ele poderia dar-lhe muito mais que Antígono. Barzafarnés protestou com juramento que nada havia de mais falso que aquilo que lhe haviam dito e foi procurar Pacoro.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 24, 607)

A decisão de Fazael de recusar a fuga para proteger Hircano e Herodes, apesar das advertências, ressalta a lealdade e a solidariedade que permeavam as relações entre os líderes políticos. A tentativa de Fazael de apaziguar Barzafarnés, ressaltando a falta de motivo para atentados contra a vida dos governadores, evidencia sua habilidade diplomática e tentativa de evitar conflitos desnecessários. A reação indignada de Barzafarnés, juntamente com sua posterior busca de Pacoro, revela a complexidade das relações entre os líderes locais e regionais, enfatizando a importância das alianças e acordos políticos para a sobrevivência e estabilidade no ambiente

turbulento da época. Portanto, vemos a delicada balança entre lealdade e pragmatismo que definia as interações políticas na Galiléia durante o período abordado.

No próximo excerto vemos Flávio Josefo demonstrando as consequências das desmedidas de Herodes. Assim, Josefo narra que:

“Os partos, embaraçados quanto ao que deviam fazer, porque não ousavam atacar abertamente um homem tão destemido, deixaram para o dia seguinte a sua determinação. Então Herodes, não podendo mais duvidar de sua perfídia e da prisão de seu irmão, embora outros afirmassem o contrário, resolveu aproveitar para fugir naquela mesma tarde, evitando permanecer em tal risco no meio de seus inimigos. Para realizar essa resolução, tomou tudo o que tinha de soldados, fez subir em carros puxados por cavalos sua mãe, sua irmã, sua noiva Mariana, Alexandra, mãe dela, seu irmão, todos os criados e o resto dos servidores. Assim, tomou o caminho para a Iduméia sem que os inimigos o Soubessem”. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 25, 608)

A atitude cautelosa e calculada de Herodes em face das ameaças dos partos demonstra sua habilidade estratégica e sua determinação em garantir sua própria segurança e a de seus entes queridos. A fuga repentina de Herodes, acompanhado por sua família e aliados, sublinha a importância da lealdade e do apoio mútuo em face da adversidade política. A descrição da fuga discreta de Herodes para a Iduméia revela sua astúcia e sagacidade na evasão de seus inimigos, destacando sua prudência em preservar sua vida em um contexto político repleto de perigos e traições. Assim, a natureza incerta e volátil do cenário político da época, onde a sobrevivência e o sucesso muitas vezes dependiam da astúcia e da capacidade de reação rápida dos líderes, como vemos nos escritos de Josefo.

A narrativa de Josefo continua mostrando as fragilidades de Herodes, ao descrever que:

“Teria sido impossível permanecer insensível diante de tão triste espetáculo. Mulheres banhadas em lágrimas e aflitas pela dor arrastavam os filhos, abandonavam o seu país e deixavam parentes na prisão, não podendo esperar também para si mesmas uma sorte melhor. Nada, porém, pôde abater a coragem de Herodes. Nessa contingência, ele mostrou que o seu valor era maior que a sua infelicidade e durante toda a viagem não deixava de exortá-los a suportar corajosamente a situação a que se encontravam reduzidos, sem se deixar dominar pela tristeza ou por queixumes inúteis, que só iriam retardar a fuga, sua única esperança de salvação. Mas aconteceu um acidente, e este o tocou de tal modo que pouco faltou para que não se suicidasse: o carro no qual estava a sua mãe tombou, e ela ficou tão ferida que se pensava que viesse a morrer. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 25, 608)

O autor retrata a crise emocional e física enfrentada por Herodes e sua família durante sua fuga da perseguição política. A descrição das mulheres desoladas, arrastando seus filhos e abandonando seus lares, evidencia a dor e a angústia que permeavam o ambiente, destacando a dimensão humana do conflito político. A resiliência de Herodes diante da adversidade, ao encorajar os companheiros de viagem a permanecerem fortes e perseverarem, revela sua determinação e coragem inabaláveis. No entanto, o acidente envolvendo sua mãe demonstra a fragilidade das relações pessoais e a profundidade do sofrimento humano em meio à turbulência política, ressaltando a vulnerabilidade de até os líderes mais fortes diante das circunstâncias adversas. Esse trecho ilustra, portanto, a complexidade emocional e física da experiência humana durante os períodos de crise política e a luta persistente por sobrevivência e esperança.

Josefo aprofunda a sua descrição ao apontar que:

“Quando chegou a Tressa, aldeia da Iduméia, José, seu irmão, veio encontrá-lo, e juntos consideraram sobre o que fazer com o grande número de soldados que Herodes trouxera, além dos que estavam sob pagamento, porque a fortaleza de Massada, onde ele queria abrigar-se, não era bastante grande para recebê-los todos. Resolveu então mandar embora a maior parte deles, mais ou menos umas nove mil pessoas. Deu-lhes víveres e disse-lhes que poderiam se estabelecer do melhor modo possível nas diversas regiões da Iduméia. Ficou com os parentes e mais alguns valentes e peritos. Deixou as mulheres na fortaleza, bem como as pessoas para servi-las, em número de oitocentos mais ou menos. Como a fortaleza tinha bastante trigo e água e todas as outras coisas necessárias para a sua subsistência, ele tranqüilizou-se. Depois de tomar todas as providências, partiu para Petra, capital da Arábia.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 25, 608)

Herodes havia fugido com tão grande comitiva que precisou mandar embora grande parte das pessoas, pois não havia espaço para todas elas. Com isso, observamos um homem que temendo pela sua vida continua em partida para Petra, capital da Arábia. É interessante observar, que Flavio Josefo representa em Herodes como um homem que apesar de todo o seu caráter tirânico e influência política precisou fugir, pois por hora, não conseguiu resistir a fúria dos partos e conspirações de homens considerados “traidores”.

Em sua narrativa, Josefo complementa apontando que:

“Despontando o dia, os partos saquearam e roubaram tudo o que Herodes havia deixado em Jerusalém, até mesmo no palácio. Não tocaram, porém, em trezentos talentos que pertenciam a Hircano, e uma parte do que pertencia a Herodes também foi salva, com tudo o que a sua providência o fizera mandar para a Iduméia. Os bárbaros não se contentaram em saquear a cidade, devastaram também os campos e destruíram inteiramente Maressa, cidade

muito rica. Assim, Antígono apoderou-se da Judéia, tomando-lhe o governo por intermédio do rei dos partos. Entregaram-lhe também Hircano e Fazael como prisioneiros, mas ele ficou muito envergonhado, porque as mulheres que ele prometera dar ao príncipe junto com os quinhentos talentos haviam escapado. E, com medo de que o povo restaurasse Hircano no trono, mandou cortar-lhe as orelhas, para torná-lo inapto ao sumo sacerdócio, porque a Lei proíbe que se conceda essa honra aos que têm qualquer defeito físico”. (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 25, 608)

Flávio Josefo evidencia a devastação causada pelos partos durante o saque de Jerusalém, simbolizando a brutalidade e a destruição inerentes à guerra e ao conflito. A preservação parcial dos bens de Hircano e Herodes destaca a volatilidade dos ganhos e perdas em tempos de conflito, além de ilustrar a imprevisibilidade das ações dos invasores. A ascensão de Antígono ao governo, facilitada pela interferência dos partos, sublinha a influência externa sobre as dinâmicas políticas regionais e a fragilidade da soberania local diante de potências estrangeiras. A mutilação de Hircano por Antígono, visando desqualificá-lo do sacerdócio de acordo com a lei, revela a crueldade e a desumanização inerentes ao cenário político conturbado, evidenciando a instrumentalização da lei como ferramenta política para enfraquecer e desonrar seus oponentes. Josefo representa as consequências desumanas e desestabilizadoras da guerra e da intriga política na região, demonstrando os efeitos devastadores da interferência estrangeira e da manipulação das leis em um contexto de conflito.

Josefo também representa os laços entre Herodes e Fazael no contexto de sua fuga:

“Herodes, cuja coragem não se abatia ante a fortuna adversa, tudo fazia para se pôr em condições de superá-la. Foi procurar Malco, rei dos árabes, que lhe devia grandes favores, para pedir-lhe que demonstrasse reconhecimento em tão pungente necessidade e, principalmente, que o ajudasse com dinheiro, quer como donativo, quer como empréstimo. Como ainda não sabia da morte do irmão, estava resolvido a empregar até trezentos talentos para resgatá-lo. Havia até mesmo levado consigo, para esse fim, o filho de Fazael, de apenas sete anos de idade, para dá-lo como refém aos árabes. Porém, alguns homens enviados por esse príncipe vieram ordenar-lhe, da parte dele, que saísse de suas terras, porque os partos o haviam proibido de recebê-lo, dizendo-lhe que os grandes de seu reino tinham dado aquele covarde conselho para dele se isentarem, com o pretexto de entregar a Herodes o dinheiro que Antípatro havia confiado em depósito. Herodes respondeu que não o queria atacar, mas desejava apenas falar-lhe de assuntos importantes.” (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 25, 610)

Observamos que Herodes estava disposto a muito para resgatar seu irmão que porventura já estava morto, porém ele não o sabia. Flávio Josefo retrata a perseverança de Herodes em face da adversidade e a sua busca incansável por apoio e recursos para superar as dificuldades

impostas pela invasão parta. Sua tentativa de obter ajuda e recursos de Malco, rei dos árabes, destaca sua determinação em aproveitar todas as oportunidades disponíveis, mesmo recorrendo a estratégias arriscadas, como oferecer o filho de Fazael como refém. A recusa de Malco em ajudá-lo, aparentemente por receio das represálias partas, expõe a influência e o temor gerados pelos partos na região, destacando a complexa dinâmica de poder e alianças durante esse período tumultuado. A resposta de Herodes, tentando argumentar em favor de seus interesses sem ameaçar Malco diretamente, evidencia sua habilidade diplomática e sua determinação em buscar soluções mesmo diante de reveses desafiadores. Este trecho destaca, portanto, a natureza desafiadora e perigosa das negociações políticas durante os conflitos regionais, sublinhando a importância da astúcia e da resiliência na manutenção da estabilidade e do poder.

Flávio Josefo demonstra as redes de sociabilidade de Herodes, pois argumenta que:

“Depois de pensar, ele julgou que era melhor retirar-se e dirigiu-se para o Egito, tão insatisfeito como se pode imaginar alguém diante de uma ação tão indigna de um rei. Deteve-se num Templo onde havia deixado vários dos que o acompanhavam, chegando no dia seguinte a Rinosura, e lá soube da morte de Fazael. No entanto, o rei dos árabes reconheceu o seu erro e, sentido, veio ao seu encalço, mas não pôde alcançá-lo, porque ele caminhava rapidamente, a fim de chegar logo a Pelusa. Alguns marinheiros que iam para Alexandria, porém, recusaram-se a recebê-lo em seu navio, e Herodes dirigiu-se então aos magistrados, que lhe prestaram grandes honras. A rainha Cleópatra quis retê-lo, mas não conseguiu persuadi-lo a ficar, tanto ele estava ansioso para ir a Roma, embora fosse pleno inverno e corresse a notícia de que as coisas na Itália estavam muito difíceis, com grandes perturbações e motins”. (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 25, 611)

Flávio Josefo retrata a frustração e a desilusão de Herodes diante das sucessivas traições e dificuldades enfrentadas durante sua busca por apoio e refúgio. Sua decisão de se retirar para o Egito, desencantado com a atitude de Malco, destaca a sensação de abandono e desamparo que muitas vezes acompanha os líderes políticos em tempos de crise. A recusa dos marinheiros em recebê-lo em seu navio, seguida pela recepção honrosa dos magistrados em Pelusa, ressalta a imprevisibilidade das reações das pessoas comuns e das autoridades locais diante de figuras políticas poderosas. A tentativa de Cleópatra de persuadi-lo a ficar no Egito, contrastada com sua determinação em viajar para Roma, demonstra a busca incansável de Herodes por soluções e apoio, mesmo diante das circunstâncias desafiadoras e das adversidades políticas em Roma. Este trecho ilustra, portanto, os desafios enfrentados por Herodes em sua busca por segurança e apoio durante um período de instabilidade política, ressaltando a persistência e a determinação necessárias para enfrentar as dificuldades e incertezas do cenário político da época.

Josefo prossegue em suas descrições mostrando as relações entre o poder de Herodes e a égide romana, através de Marco Antônio:

“[...] Contou-lhe tudo o que havia acontecido na Judéia: que seu irmão Fazael fora aprisionado e morto pelos partos; que eles ainda retinham Hircano prisioneiro; que haviam constituído Antígono rei porque ele lhes prometera mil talentos e quinhentas mulheres, as quais escolheu dentre as pessoas de maior destaque, particularmente da família dele, de Herodes; que para salvá-las de suas mãos ele as levava à noite, com muita dificuldade, deixando-as em grandíssimo perigo; e que por fim enfrentara os riscos do mar em pleno inverno para vir procurá-lo, como sendo o seu refúgio e o único de quem esperava algum auxílio.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 25, 611)

Josefo retrata uma descrição detalhada dos acontecimentos, incluindo a prisão e morte de seu irmão Fazael, a retenção de Hircano como prisioneiro e a ascensão de Antígono ao trono com o apoio dos partos, revela a extensão do caos e da instabilidade política que assolavam a região. A narrativa emocional sobre o resgate noturno das mulheres, incluindo aquelas de sua própria família, demonstra a determinação de Herodes em proteger e preservar seus entes queridos, apesar dos perigos iminentes. A busca por refúgio e ajuda em Roma reflete a esperança em encontrar apoio e soluções para os desafios enfrentados em seu reino. Josefo, elabora um retrato da complexidade emocional e os perigos enfrentados por Herodes em meio à agitação política, evidenciando o impacto humano direto das intrincadas lutas de poder e das rivalidades políticas na Judéia.

Na próxima passagem, vemos o desenrolar das relações entre Herodes e Antônio:

“A compaixão que Antônio sentiu da infelicidade a que a inconstância da sorte — que sente prazer em perseguir os homens mais ilustres — reduzira Herodes, a lembrança da maneira gentil com que Antípatro, seu pai, o havia recebido em casa, a consideração do dinheiro que ele lhe prometia se o fizesse rei, tal como já o fizera tetrarca, e principalmente o ódio contra Antígono, que ele considerava faccioso e inimigo declarado dos romanos, fizeram-no decidir-se por ajudá-lo com todas as suas posses. Augusto fez o mesmo, tanto em consideração à amizade particular que César tivera por Antípatro, por causa do auxílio dele recebido na guerra do Egito, quanto pelo desejo de obsequiar Antônio, a quem via abraçar com tanto ardor os interesses de Herodes. Assim, reuniram o Senado. Messala e Atracino introduziram Herodes, elogiaram grandemente os serviços que seu pai e ele haviam prestado ao povo romano, lembrando que Antígono, ao contrário, não somente era um inimigo declarado, tal como o provavam as suas ações precedentes, como também demonstrara total desprezo pelos romanos ao receber a coroa das mãos dos partos. Essas palavras incitaram o senado contra Antígono, e Antônio acrescentou que na guerra que se travaria contra os partos seria, sem dúvida, muito vantajoso constituir Herodes rei da Judéia. Todos aceitaram a proposta, e o favor que Herodes ficou devendo a Antônio foi tanto maior quanto era

inesperada aquela extraordinária graça, pois os romanos não costumavam outorgar coroas senão aos de família real. Ele havia pensado apenas em pedir a coroa da Judéia para Alexandre, irmão de Mariana e neto de Aristóbulo do lado paterno e de Hircano do lado materno. (Herodes depois mandou matar Alexandre, como diremos a seu tempo.) Podemos acrescentar que a pressa de Antônio aumentou ainda esse favor, pois esse importante assunto foi concluído em sete dias. Ao sair do Senado, Antônio e Augusto levaram Herodes em sua companhia e, seguidos pelos cônsules e senadores, foram ao Capitólio, onde ofereceram sacrifícios e colocaram como num sagrado depósito o decreto do senado. Antônio em seguida ofereceu um lauto banquete ao novo príncipe, cujo reinado se iniciava na centésima octogésima quarta Olimpíada, no consulado de Caio Domício Calvino e Caio Asínio Polião”. (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 26, 612)

Flávio Josefo ressalta a influência do afeto pessoal e da política na decisão de Antônio e Augusto de apoiar Herodes em sua ascensão ao trono. A compaixão de Antônio diante das dificuldades de Herodes, impulsionada pela lembrança da generosidade de seu pai e seu ódio por Antígono, ressalta a importância das relações pessoais e das rivalidades políticas na tomada de decisões fundamentais. O elogio de Messala e Atratinno no Senado, ressaltando os serviços prestados por Herodes e seu pai à Roma, destaca a valorização das alianças políticas e dos méritos passados na obtenção de apoio. A rápida decisão do Senado de conceder a coroa a Herodes evidencia a importância estratégica de fortalecer alianças com líderes influentes para alcançar legitimidade e estabilidade política. O texto ilustra a complexa interseção entre os laços pessoais, os interesses políticos e a diplomacia na consolidação e manutenção do poder em um contexto de intriga política e rivalidades dinásticas.

Josefo demonstra o fortalecimento de Herodes em suas relações com Roma, ao retratar que:

"Herodes, voltando de Roma, reuniu em Ptolemaida uma grande quantidade de tropas, tanto de sua nação quanto estrangeiras, que tomou sob pagamento, sendo ajudado ainda por Ventídio e por Silom, a quem Gélio havia trazido uma ordem de Antônio para se unir a ele. Ambos antes estavam ocupados: o primeiro acalmando agitações em algumas cidades, devido à invasão dos partos, e o segundo estava na Judéia, onde Antígono o subornara com dinheiro. Herodes entrou na Caliléia para marchar contra Antígono. As forças aumentavam sempre, à medida que ele avançava, e quase toda a Galiléia abraçou o seu partido." (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 27, 615)

Flávio Josefo destaca a habilidade estratégica e política de Herodes ao reunir uma coalizão militar multifacetada em Ptolemaida para enfrentar Antígono. Sua capacidade de mobilizar

tropas locais e estrangeiras, principalmente sob pagamento, revela sua astúcia em garantir o apoio necessário para suas empreitadas militares. A colaboração de Ventídio e Silom, influenciados por ordens de Antônio, demonstra a importância das alianças políticas e das redes de apoio na busca pelo poder e pela estabilidade regional. O apoio crescente de diversas regiões, exemplificado pela adesão da maior parte da Galiléia ao seu partido, evidencia a capacidade de Herodes de angariar apoio popular e mobilizar recursos essenciais para sua causa. Este trecho ressalta, portanto, a complexidade das dinâmicas políticas e militares na região, destacando a importância das alianças, do financiamento e do apoio popular na consolidação e manutenção do poder durante conflitos e guerras de influência.

No próximo fragmento, é relatado que os soldados se ofereciam para lutar em favor de Herodes apenas na esperança de ganhar benefícios. Dessa forma, vemos que:

"A maior parte, porém, vinha pela esperança dos benefícios que imaginavam receber dele como rei. Antígono fez-lhe diversas emboscadas pelo caminho, mas sem grande vantagem. Assim, Herodes fez levantar o cerco de Massada e, aumentando ainda as suas forças com os que estavam nessa praça, tomou o castelo de Ressa e avançou para Jerusalém, seguido pelas tropas de Silom e por vários habitantes daquela grande cidade, que temiam o seu poder." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 27, 615)

Através da análise, é evidente que a figura de Herodes, o Grande, emerge como um líder astuto e estrategista, cuja ascensão ao poder foi moldada pela exploração das expectativas e ambições das massas. Sua habilidade em manobrar situações críticas, exemplificada na retirada bem-sucedida do cerco de Massada e na conquista do castelo de Ressa, sugere um comandante militar habilidoso. Além disso, o texto ressalta a aliança tática entre Herodes e os habitantes de Jerusalém, bem como as tropas de Silom, revelando a complexidade das relações de poder e a influência das alianças estratégicas na política da época. A ambiguidade moral das ações de Herodes é sugestiva, destacando os desafios enfrentados por aqueles que buscavam consolidar e manter o poder em uma região politicamente instável e contestada.

Flávio Josefo retrata Herodes entrando na cidade com um discurso de que o objetivava o bem da cidade e prometendo anistia geral. Assim, vemos pelo retrato de Josefo que:

"Herodes sitiou-a do lado do ocidente, e os que a defendiam atiraram grande número de flechas e grande quantidade de dardos, e fizeram várias arremetidas contra as suas tropas. Ele começou anunciando por um arauto que não viera com outro objetivo senão o bem da cidade e que esqueceria as ofensas feitas a ele pelos seus maiores inimigos, não excetuando ninguém dessa anistia geral" (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 27, 615).

A descrição das táticas de defesa usadas pelos sitiados, como o uso de flechas e dardos, indica uma resistência tenaz e uma disposição para proteger sua cidade. Herodes, por sua vez, adota uma abordagem diplomática, anunciando por meio de um arauto seu objetivo benevolente em relação à cidade sitiada. Sua oferta de anistia geral, inclusive para seus maiores inimigos, sugere uma combinação de astúcia política e manipulação estratégica, com o objetivo de assegurar a submissão pacífica da cidade. Esse trecho revela não apenas as habilidades militares de Herodes, mas também sua habilidade em empregar estratégias psicológicas e políticas para atingir seus objetivos, mostrando sua complexidade como líder político e militar.

Na próxima passagem, notamos que Josefo representa os soldados desejando não fazerem mais parte das tropas de Herodes:

"Antígono e Herodes assim discutiram e chegaram mesmo às injúrias. Antígono permitiu aos seus repelir os inimigos, e eles atiraram-lhes flechas e lançaram tantos dardos do alto das torres que os obrigaram a se retirar. Viu-se então claramente que Silom se deixara subornar por dinheiro, pois ele permitiu que vários de seus soldados comessem a gritar que lhes dessem víveres e dinheiro com quartéis de inverno, porque os campos haviam sido inteiramente devastados pelas tropas de Antígono. Todo o acampamento se revoltou então, preparando-se para se retirar, mas Herodes pediu aos oficiais das tropas romanas que não o abandonassem daquela maneira, lembrando-lhes que haviam sido enviados por Antônio, Augusto e pelo senado para ajudá-lo e que, quanto aos víveres, ele daria uma ordem, e nada haveria de faltar. (Flávio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 27, 615)

O excerto de Flávio Josefo apresenta um confronto direto entre Antígono e Herodes, ressaltando suas discordâncias acaloradas, que culminaram em trocas de insultos. O embate militar entre as forças de ambos revela a feroz determinação de Antígono ao permitir que seus soldados repilam os atacantes com uma intensa chuva de flechas e dardos, resultando em uma retirada forçada das tropas de Herodes. A traição de Silom, sugerida por sua disposição para subornos, desencadeia uma revolta no acampamento, com a iminência da retirada das forças aliadas. Neste contexto, Herodes se volta para os oficiais das tropas romanas, evocando a autoridade de Antônio, Augusto e do senado, para evitar o abandono, ao mesmo tempo em que promete garantir o fornecimento de víveres. O trecho enfatiza não apenas a intensidade da rivalidade entre Antígono e Herodes, mas também a complexidade das alianças políticas e o papel estratégico desempenhado pelas tropas romanas na região.

Josefo continua representando os caminhos bélicos de Herodes. Assim, argumenta que outra cidade se encontrava abandonada devido aos últimos acontecimentos de violência e invasões:

"Herodes, que por seu lado de nada se descuidava, tomou cinco coortes romanas, cinco dos judeus, alguns soldados estrangeiros e parte de sua cavalaria e foi a Jericó. Achou a cidade abandonada, e quinhentos de seus habitantes haviam fugido para as montanhas com as suas famílias. Ele os mandou prender e depois os soltou. Os romanos encontraram a cidade cheia de toda espécie de bens e a saquearam. Herodes lá deixou uma guarnição e deu quartéis de inverno para as tropas romanas na Iduméia, na Galiléia e em Samaria. Antígono, como recompensa pelos presentes que concedera a Silom, obteve dele que mandasse uma parte de suas tropas a Lida, para ganhar as boas graças de Antônio. Assim, os romanos puderam viver em paz e em grande abundância. (Flávio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 27, 615)

Josefo demonstra a decisão de Herodes em mobilizar uma combinação de coortes¹ romanas, tropas judaicas e cavalaria para Jericó demonstra sua determinação em consolidar seu poder e expandir sua influência. A descoberta de Jericó abandonada, juntamente com a captura e posterior libertação dos habitantes que fugiram, destaca a postura pragmática de Herodes em assegurar a sua autoridade sem alienar desnecessariamente a população local. A exploração da riqueza da cidade pelos romanos, sob a tutela de Herodes, enfatiza a colaboração estratégica entre o poder político local e as forças romanas, ilustrando uma dinâmica complexa de interesses e alianças. A concessão de quartéis de inverno para as tropas romanas em diferentes regiões reflete a consolidação de um sistema de apoio logístico e militar, evidenciando a habilidade de Herodes em garantir o apoio contínuo das forças estrangeiras em troca de estabilidade e prosperidade na região.

Flávio Josefo prossegue representando a belicosidade de Herodes, assim demonstrando como os Partos foram derrotados:

"Os partos foram vencidos numa grande batalha onde Pacoro, seu rei, foi morto. Ventídio, por ordem de Antônio, enviou Maquera ao rei Herodes com duas legiões e mil cavaleiros. Antígono subornou Maquera com dinheiro, e assim, embora Herodes tentasse impedir que ele fosse procurar Antígono, Maquera para lá se dirigiu, sob o pretexto de observar o estado das forças". (Flávio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XIV, 27, 619).

Flávio Josefo delinea o contexto da guerra entre Herodes e os partos, com uma vitória decisiva sobre Pacoro, resultando em sua morte. A subsequente intervenção de Ventídio, ordenando a Maquera, com duas legiões e mil cavaleiros, aponta para o apoio militar externo direcionado a Herodes. No entanto, o suborno de Maquera por Antígono, mencionado posteriormente, evidencia a corrupção dentro das alianças políticas, comprometendo o potencial apoio de

¹ Subdivisão de uma legião romana.

Maquera a Herodes. A resistência de Herodes em permitir que Maquera procurasse Antígono indica sua consciência das manobras políticas em andamento e sua preocupação com as possíveis consequências dessa aproximação. Este trecho ressalta as complexidades das relações políticas e militares na região, evidenciando a interação entre os interesses individuais, as alianças estratégicas e a corrupção dentro do cenário de conflito. Porém, como veremos a seguir, o governo de Herodes não cessou de eventos de fúrias e traições.

Flavio Josefo demonstra que diante de tantas batalhas, outro irmão de Herodes foi morto:

"Enquanto isso se passava, José, irmão de Herodes, perdeu a vida na Judéia, por não ter cumprido a ordem que dele recebera, ou seja, de não se arriscar, como vou narrar a seguir. Ele marchou para Jerico com as suas tropas e cinco companhias de cavalaria cedidas por Maquera, pretendendo fazer a colheita do trigo, e acampou nos montes. Mas a cavalaria romana era composta de moços pouco habituados à guerra, a maior parte recrutada na Síria. Os inimigos os atacaram em lugares pouco vantajosos e os derrotaram, bem como ao corpo de cavalaria que José comandava. Ele morreu combatendo valentemente. Os mortos ficaram em poder de Antígono, e ele mandou cortar a cabeça a José, embora Feroras, seu irmão, lhe quisesse pagar cinquenta talentos para ter o corpo intacto. Em seguida, os galileus revoltaram-se contra os seus governadores e lançaram no lago os que seguiam o partido de Herodes. Vários outros movimentos de agitação rebentaram na judéia. Maquera fortificou o castelo de Gethe." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XIV, 27, 621)

Nesse fragmento, o enredo se concentra na perda trágica de José, irmão de Herodes, na Judéia. A narrativa revela a desobediência de José às ordens de Herodes, levando-o a arriscar-se em Jericó para realizar a colheita de trigo, acompanhado por tropas e cavalaria. A descrição das circunstâncias do combate ressalta a inexperiência da cavalaria romana, composta em grande parte por recrutas da Síria, que acabam sendo derrotados pelos inimigos em terreno desfavorável. A captura e subsequente decapitação de José por Antígono, apesar da tentativa de seu irmão Feroras de pagar um resgate, sublinha a brutalidade e a instabilidade do período. Além disso, o levante dos galileus contra os governantes e os movimentos de agitação em toda a Judéia demonstram a fragilidade do governo de Herodes e a volatilidade política da região na época. A fortificação do castelo de Gethe por Maquera sugere uma resposta defensiva para conter a instabilidade e proteger os interesses de Herodes na área. O trecho exemplifica as intrincadas relações políticas e militares na região, pontuadas por conflitos internos e intrigas.

Flavio Josefo representa que Herodes finalmente se tornou de “fato” o rei da Judeia:

"Vimos no livro precedente a tomada de Jerusalém por Sósio e Herodes e o aprisionamento de Antígono. Vou agora falar de suas conseqüências. Quando Herodes se viu senhor da Judéia, demonstrou muita gratidão para com aqueles que lhe dedicaram afeto enquanto ele era apenas um homem da vida privada. Mas não se passava um dia em que não matasse algum dos que haviam seguido o partido de Antígono. Poliom, fariseu, e Saméias, discípulo deste, foram os únicos aos quais tratou com consideração, para recompensá-los, porque durante o cerco eles haviam aconselhado o povo a recebê-lo. Poliom era aquele que durante o julgamento de Herodes, quando os juizes o queriam condenar, predissera a Hircano e aos outros juizes que, se o absolvessem, ele os mataria a todos, o que Deus confirmou em seguida." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XV, 01, 628).

A narrativa apresenta as conseqüências da tomada de Jerusalém por Sósio e Herodes, e o subsequente controle de Herodes sobre a Judéia. A gratidão de Herodes em relação aos que o apoiaram em sua ascensão do anonimato para o poder é contrastada com sua implacável repressão aos seguidores de Antígono, refletindo uma dinâmica de vingança e brutalidade. A exceção feita para Poliom, o fariseu, e Saméias, em reconhecimento por terem influenciado o povo a aceitá-lo durante o cerco, destaca a valorização de Herodes por aqueles que contribuíram para sua legitimação. A referência à previsão de Poliom durante o julgamento de Herodes, sugerindo que Deus confirmou a punição iminente para os juizes que o absolveram, insere um elemento sobrenatural na narrativa, enfatizando a justiça divina e o destino trágico dos que se opuseram a Herodes. O trecho evidencia a complexa interação entre política, religião e vingança na Judéia, destacando as tensões inerentes ao processo de consolidação do poder e a construção de lealdades no contexto de um governo recém-estabelecido.

Flavio Josefo representa Herodes como "vingativo" e "inteligente":

"Herodes, que não era menos vingativo que inteligente, deixou-a executar livremente o seu intento com o filho, sem detê-los, senão quando já eram levados naquelas caixas em forma de ataúde." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XV, 03, 635).

O discurso relato revela a natureza vingativa e perspicaz de Herodes em um evento crucial. A referência a "ela" sugere uma ação empreendida por uma figura não especificada. A implicação de que Herodes permitiu a execução livre do plano dessa pessoa com seu filho, sem intervir até que já estivessem sendo levados em caixas funerárias, evoca um ato de vingança premeditada e calculada. A descrição da cena com as caixas em forma de ataúde cria uma imagem sombria e dramática, sugerindo uma trama de vingança que foi permitida a prosseguir até o momento final, intensificando a crueldade do ato. Este trecho destaca a faceta cruel e implacável de

Herodes, ressaltando sua disposição para executar planos de vingança de maneira meticulosa e cuidadosamente planejada. Além disso, a narrativa sublinha a complexidade psicológica do personagem, revelando sua capacidade de agir com frieza e dissimulação em busca de seus objetivos.

Josefo também elabora uma imagem de Herodes como invejoso:

"Esse príncipe, que então contava dezessete anos, revestido com os ornamentos de sumo sacerdote, subiu ao altar para oferecer a Deus os sacrifícios ordenados na Lei. A sua extraordinária beleza e a figura esbelta, que sobrepujava em muito os de sua idade, fizeram brilhar de tal modo em sua pessoa a majestade de sua descendência que ele atraiu sobre si os olhos e o afeto de toda aquela grande multidão. Esse fato renovou no espírito do povo a lembrança dos grandes feitos de Aristobulo, seu avô. O povo não pôde esconder a sua alegria, e as aclamações e votos ao jovem príncipe foram manifestados com excessiva liberdade, não recomendável sob o reinado de um soberano tão invejoso e cioso de sua autoridade como Herodes." (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XV, 03, 636)

Aristobulo é instituído sumo-sacerdote. Porém, como Flávio Josefo relata, tantas aclamações não eram recomendadas sob um reinado de um rei tão invejoso. A representação que Flávio Josefo traz de Herodes nesse trecho é de um rei que não aceita que outro sob seu reinado tenha tanta glória quanto a si mesmo. Desde modo, ele articula um assassinato contra Aristobulo.

Josefo usa o discurso anterior para causar um efeito na narrativa de dissimulação de Herodes:

"Herodes, por sua vez, usava de todos os meios para persuadir a todos de que não tivera naquilo a mínima participação, e não somente com palavras procurava demonstrar a sua tristeza e pesar, mas a elas juntava lágrimas, as quais pareciam tão espontâneas que poderiam passar por verdadeiras." (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XV, 03, 636)

Josefo retrata a habilidosa manipulação emocional de Herodes em face de um evento trágico não especificado. A narrativa descreve os esforços empreendidos por Herodes para convencer a todos de sua suposta inocência e desvinculação do evento em questão. Sua estratégia envolve não apenas o uso de palavras persuasivas, mas também a expressão de tristeza e pesar, acompanhadas de lágrimas que são apresentadas como espontâneas e autênticas. A descrição detalhada das lágrimas como aparentemente genuínas sublinha a habilidade de Herodes em manipular suas emoções e apresentar uma imagem convincente de remorso e inocência diante de outros. Esse trecho evidencia não apenas as habilidades políticas e retóricas de Herodes, mas

também sua maestria em controlar sua expressão emocional para fins estratégicos, destacando a complexidade de sua persona e suas táticas de dissimulação.

Flavio Josefo representa a crueldade e possessividade de Herodes:

"Na ausência de Herodes, José ia frequentemente visitar Mariana, quer para prestar-lhe a honra que lhe era devida, quer para tratar dos negócios do reino, e lhe falava constantemente do extremo amor que o rei seu marido tinha por ela. Quando ele notou que, em vez de mostrar que acreditava, ela se punha a zombar, e Alexandra, sua mãe, mais que ela ainda, um imprudente desejo de fazê-las mudar de sentimento levou-o a revelar a ordem que recebera, o que comprovava que Herodes não podia tolerar que a morte o separasse dela. Essas palavras, todavia, em vez de persuadir as princesas do afeto de Herodes, causaram-lhes horror, pela tirânica desumanidade que, mesmo após a morte, o tornava tão cruel para com a pessoa a quem ele mais amava na terra." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XV, 04, 638)

Flávio Josefo revela a complexa dinâmica entre Herodes, José, Mariana e Alexandra. A descrição retrata as visitas frequentes de José a Mariana na ausência de Herodes, tanto para prestar honras como para tratar de assuntos do reino. José busca enfatizar o amor extremo de Herodes por Mariana, esperando que suas palavras possam influenciar os sentimentos de Mariana e de sua mãe, Alexandra. No entanto, ao invés de convencê-las, suas declarações revelam a crueldade e a tirania de Herodes, despertando horror em vez de afeto. A revelação da ordem recebida por José, que destaca a intolerância de Herodes em ser separado de Mariana pela morte, evidencia uma faceta sombria e tirânica do reinado de Herodes, que continua a exercer controle mesmo após a morte. Esse trecho enfatiza as relações complexas e intrincadas entre os membros da realeza, destacando os desafios enfrentados por Mariana e Alexandra diante da natureza implacável e despótica de Herodes.

Flavio Josefo representa os possíveis desconfortos de Mariana diante das atitudes de Herodes:

Herodes, na volta ao seu reino, em vez de desfrutar a doçura da paz ou um descanso tranqüilo, encontrou apenas perturbação em sua própria família, pelo descontentamento de Mariana e de Alexandra. Elas julgavam, com razão, que não era para cuidar de sua segurança que ele as encerrara naquele castelo, e sim para mantê-las prisioneiras, pois não tinham liberdade para dispor do que quer que fosse. Mariana, além disso, estava convencida de que o grande amor que ele lhe demonstrava era simulação, que ele apenas a julgava útil aos seus interesses. Como sempre se recordava da ordem que ele dera a José, pensava nisso com horror, pois, mesmo que ele viesse a morrer, ela não esperava continuar vivendo depois da morte dele." (Flavio Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XV, 11, 652)

Josefo delinea o retorno de Herodes ao seu reino, que é recebido não com paz e tranquilidade, mas com perturbações familiares. Mariana e Alexandra, encarceradas no castelo, expressam descontentamento, acreditando que a intenção de Herodes não era garantir sua segurança, mas mantê-las como prisioneiras, privadas de liberdade e controle sobre suas próprias vidas. A desconfiança de Mariana em relação ao amor de Herodes por ela é enfatizada, com a percepção de que suas demonstrações de afeto eram meramente uma simulação para atender aos seus próprios interesses. A lembrança da ordem dada a José também assombra Mariana, indicando seu temor de que, mesmo após a morte de Herodes, ela não teria autonomia sobre seu destino. Esse trecho destaca a tensão e o descontentamento dentro da família real, expondo a falta de confiança e a sensação de aprisionamento e impotência enfrentada por Mariana e Alexandra, refletindo as complexidades e intriga presentes no governo de Herodes.

Flavio Josefo questiona a forma de Herodes lidar com os costumes:

“Como o rei Herodes estava persuadido de que um de seus principais cuidados no governo de seu território era impedir que se fizessem injustiças aos particulares, tanto em Jerusalém quanto nos campos, ele ordenou, por uma nova lei, que aquele que furasse a parede para entrar numa casa seria tratado como escravo e vendido fora do reino. Não o fazia, no entanto, para punir o crime, mas para abolir um costume observado havia muito tempo entre nós e se colocar assim acima das leis.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XVI, 01, 679)

Nesta representação, Flávio Josefo faz um jogo discursivo instigante apresentado Herodes como um governante preocupado com a justiça e a segurança de seus súditos. A promulgação de uma nova lei que impõe severas punições para aqueles que invadam casas através de perfuração de paredes demonstra o compromisso de Herodes com a proteção dos cidadãos e a garantia da ordem pública. No entanto, a motivação por trás dessa lei vai além da simples punição do crime, revelando uma agenda mais ampla de centralização do poder. A referência a "abolir um costume observado havia muito tempo entre nós" sugere uma intenção de minar práticas estabelecidas e consolidar o domínio pessoal de Herodes sobre a legislação e a administração do território. Este trecho destaca a habilidade de Herodes em equilibrar a manutenção da ordem pública com a consolidação de sua autoridade, evidenciando a complexidade de sua liderança e suas estratégias para estabelecer o controle sobre seu reino.

Flavio Josefo demonstra que as ambições e crueldades de Herodes o cegava contra os seus filhos:

“Quanto a Herodes, como se poderá perdoar uma ação tão desumana e desnaturada como a de matar os próprios filhos sem ter conseguido provar que

eles haviam atentado contra a sua vida, privando assim a nação de dois príncipes tão formosos, hábeis em todos os exercícios, capazes de ser valorosos na guerra e que falavam com tanta graça — particularmente Alexandre — que não eram somente queridos de todo o povo judeu, mas também dos estrangeiros? E, mesmo que os tivesse julgado culpados, por que não se contentou em mantê-los numa prisão ou em bani-los do reino, uma vez que nada tinha a temer, nem dentro nem fora, garantido como estava pela poderosa proteção dos romanos? Que maior prova poderia ele dar senão a de se ter deixado governar pela paixão, demonstrando, ao ordenar a morte dos filhos, uma insuperável impiedade? O que aumenta a sua culpa é o fato de que ele estava já numa idade em que jamais poderia alegar pouca experiência para deixar ir tão longe uma questão. Sua falta teria sido menor se a surpresa de um atentado contra a sua vida o tivesse impelido imediatamente cometer aquela ação, ainda que tão cruel. Porém, agir depois de tão grande demora e após tantas deliberações é indício de uma alma sanguinária e endurecida pelo mal, como o provaram os fatos seguintes, pois ele não perdoou nem mesmo aqueles a quem antes demonstrara amar sinceramente, embora pouco se tenha a lamentar por causa deles, porque eram culpados. Mas nisso se vê também a grande crueldade de Herodes.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XVI, 17, 721)

Neste trecho, Flávio Josefo não esconde o seu desprezo diante da atitude de Herodes em matar os próprios filhos por supostamente terem atentado contra a sua vida. Flavio Josefo, revela que tal atitude, sem julgamento e após tantas deliberações revelava uma alma endurecida pelo mal, trazendo evidente a sua consideração da extrema crueldade de Herodes. De fato, com a alegação da suposta tentativa de assassinato e ordenando destino tão cruel aos seus filhos, observamos um rei que não poupava nem os de sua casa, nesse sentido estava disposto a tudo para manter o seu poderio.

Por fim, selecionamos um balanço de Josefo sobre Herodes:

“Os embaixadores falaram primeiro e disseram que não havia leis que Herodes não tivesse violado, com sua conduta injusta e criminosa; que ele fora rei só de nome, pois jamais tirano algum havia sido tão cruel, não se contentando de empregar todos os meios de que os outros se serviam para a desgraça de seus súditos, ele tinha inventado outros novos, que seria inútil falar-se do grande número de judeus que ele tinha feito morrer, pois a condição daqueles aos quais não tinham tirado à vida, era pior do que a dos mortos, quer pelo temor contínuo que sua desumanidade lhes causava, quer porque ele os despojava de todos os seus bens.” (Flavio Josefo, Antiquidades Judaicas, Livro XVII, 12, 753)

Nesta passagem, há uma representação de consenso sobre os abusos realizados por Herodes. Flávio Josefo apresenta acusações severas contra Herodes, feitas por embaixadores perante Augusto. Eles condenam a conduta injusta e criminosa de Herodes, alegando que sua crueldade ultrapassava a de qualquer outro tirano, indo além das medidas usuais de opressão. Além disso,

os embaixadores afirmam que Herodes não apenas recorria a meios tradicionais para provocar a desgraça de seus súditos, mas também inventava métodos novos e mais cruéis. Eles destacam o grande número de judeus que ele havia executado e mencionam a condição precária daqueles que sobreviveram, sofrendo não apenas com o medo constante inculcado por sua desumanidade, mas também com a perda de seus bens. Este trecho retrata a visão crítica e condenatória de Herodes por parte de alguns contemporâneos, refletindo a percebida opressão e tirania associadas ao seu reinado.

Através da análise sobre o historiógrafo judeu Flávio Josefo, vemos uma figura de Herodes I como uma personalidade complexa e controversa na história do mundo antigo. Os relatos históricos oferecidos por Josefo permitem discernir vários pontos críticos que estão intrinsecamente ligados a Herodes e seu impactante reinado na Judeia.

CONCLUSÃO

A História Cultural desempenha um papel fundamental no campo da História Antiga, pois permite uma compreensão ampliada de diversas formas de vida e análise das sociedades. Ao representar uma figura histórica com base em sua posição e influência social, é possível vislumbrar os costumes, hábitos e culturas da comunidade em que a pessoa estava inserida, bem como a perspectiva do autor da obra. Dessa forma, mesmo que o foco seja o indivíduo representado, os fatores culturais e sociais da sociedade em questão podem ser observados, juntamente com a maneira como esses aspectos influenciaram a análise do autor sobre a pessoa representada.

No contexto de Herodes I da Judeia, observamos elementos da cultura da comunidade judaica, o cenário de guerra e a perspectiva sobre seu reinado por parte da população, conforme retratado na obra de Flávio Josefo. A análise revela que a representação de um personagem histórico é uma tarefa que demanda observação cuidadosa e estudo aprofundado das experiências do indivíduo, além de um amplo conhecimento dos eventos relevantes.

Herodes I da Judeia foi um governante controverso na visão de Josefo, considerando as insatisfações expressas pela população judaica ao longo do texto. É evidente que, em seu livro "Guerras Judaicas", Flávio Josefo foi cuidadoso ao descrever o Império Romano, levando em consideração sua cidadania romana. No entanto, em sua obra "Antiguidades Judaicas", ele não hesita em retratar Herodes como um líder autoritário, ignorando a aprovação de seus súditos.

As ações do governante não apenas influenciaram sua própria vida, mas também a de seus familiares, amigos e súditos. Entende-se que a representação, embora baseada em evidências e fatos históricos, seja através de testemunhos diretos ou registros escritos e orais, é influenciada pela perspectiva do autor, carregando consigo um julgamento pessoal.

Como destacado por Greimas e Courtés (1979), "as representações desenvolvidas em uma sociedade não são neutras e correspondem aos interesses dos grupos que as elaboraram". Portanto, a representação é influenciada pelos interesses do grupo responsável pela escrita. Levando em conta a identidade judaica de Flávio Josefo, além de sua cidadania romana, é crucial reconhecer esses aspectos ao analisar suas obras.

Além disso, compreende-se a importância dos discursos na representação. Conforme salientado por Marincola (2007), "o ato de representar um personagem é uma questão de estilo, de inflexão ou de estrutura". Dessa forma, as representações são diretamente influenciadas pelo estilo de cada autor e pela estrutura de seus textos.

A análise da representação de Herodes, o Grande, na obra de Flávio Josefo, estabelece uma conexão entre a Antiguidade e o presente. Ao examinar a obra de Josefo, identificam-se questões sociais e políticas que ecoam nos desafios contemporâneos, como governos tirânicos, disputas políticas e opressão da população. Assim, compreende-se que a Antiguidade não está desconectada do presente, possibilitando a reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre os dois períodos.

Conclui-se que, nas descrições de Josefo, Herodes I obteve considerável influência política para manter sua posição de poder, muitas vezes recorrendo a intriga política para consolidar seu domínio. Sua disposição para sacrificar familiares, aliados e até mesmo seus próprios filhos para preservar o trono revela sua ambição desmedida. Embora sua liderança tenha deixado um legado duradouro na história da Judeia, é vista negativamente devido à repressão e violência durante seu governo.

Por meio dessa análise, é possível refletir sobre formas de se representar e construir imagens de governantes na contemporaneidade e desenvolver a capacidade de relacionar passado e presente, assim compreendendo as conjunturas históricas e suas relevâncias para a compreensão do mundo atual.

REFERÊNCIAS

Documentais:

FLÁVIO JOSEFO. **História dos Hebreus:** de Abraão à queda de Jerusalém – Obra Completa. 11ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Trad. de Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.

Bibliográficas:

BRANDÃO, José Luis Lopes. **Mascaras dos Césares:** Teatro e Moralidade nas Vidas Suetonianas, Coimbra, Centro de Estudos Classicos e Humanisticos, 2009. 482 pp. ISBN 978-989-8281-14-2

BRAUND, S. **Latin Literature**. London; New York: Routledge, 2002.

BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa . Historiografia Romana: considerações para o ensino e pesquisa sobre o Principado de Otávio Augusto. In: Leandro Hecko. (Org.). **Antiguidades e usos do passado - temas e abordagens**. 1ed.São João de Meriti: Desalinho, 2019, v. 1, p. 51-81.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos *quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum* (29 AEC – 14 EC)**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DEGAN, Alex. **As lágrimas e o historiador: uma leitura da Guerra Judaica**. História da Historiografia , v. 5, p. 35-36, 2010.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FERREIRA, João Cesário Leonel. **Jesus, Herodes e os magos: uma interpretação histórico-literária**. Revista fides reformata, 2004 p. 31-50.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979, p. 125-30.

MARINCOLA, John. Introduction. In:_____. **A Companion to Greek and Roman Historiography**. Vol.:1. Oxford – UK: Blackwell Publishing Ltd, 2007, p.1-10.

McDONALD, A. H. Theme and Style in Roman Historiography. **The Journal of Roman Studies**, Vol. 65, 1975, p. 1-10.

MAZO-RODRIGUÉZ Raquel Lira del et al. *Boletín del colegio mexicano de urología. Vida y causas de muerte de Herodes el Grande*. Vol. XXIX. 2014.

SILVA, Uiran Gerbara. **A escrita biográfica na antiguidade: uma tradição incerta**.

POLITEIA: História e sociedade. v.8, n.1, 2008. p.67-81. Disponível em:

<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/269/301> Acesso em 20/05/2011.